



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA-UEPB
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS - CCHA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES - DLH
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

MARIA DE LOURDES TRAJANO DA SILVA

**AS RELAÇÕES DE PODER E A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER
EM *OLHOS D'ÁGUA*, DE CONCEIÇÃO EVARISTO**

CATOLÉ DO ROCHA – PB
2024

MARIA DE LOURDES TRAJANO DA SILVA

**AS RELAÇÕES DE PODER E A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER
EM *OLHOS D'ÁGUA*, DE CONCEIÇÃO EVARISTO.**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, como um dos requisitos para obtenção do grau em Licenciatura Plena em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Paula Lima Carneiro

CATOLÉ DO ROCHA - PB
2024

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586r Silva, Maria de Lourdes Trajano da.
As relações de poder e a violência contra a mulher em olhos d'água, de Conceição Evaristo [manuscrito] / Maria de Lourdes Trajano da Silva. - 2024.
63 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Agrárias, 2024.
"Orientação : Profa. Dra. Ana Paula Lima Carneiro, Departamento de Letras e Humanidades - CCHA. "
1. relações de poder. 2. violência contra a mulher. 3. patriarcado. 4. desigualdade social. I. Título
21. ed. CDD 362.83

MARIA DE LOURDES TRAJANO DA SILVA

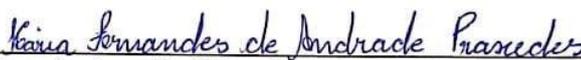
**AS RELAÇÕES DE PODER E A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER
EM OLHOS D'ÁGUA DE CONCEIÇÃO EVARISTO**

Aprovada em 19 / 06 / 2024.

BANCA EXAMINADORA



Orientadora: Profa. Dra. Ana Paula Lima Carneiro
UEPB - CCHA/DLH



Examinadora: Prof. Dra. Maria Fernandes de Andrade Praxedes
SEMED - Catolé do Rocha/PB



Examinador: Prof. Dr. Auribio Farias Conceição
UEPB - CCHA/DLH

Às minhas filhas, Maria Emilia e Ana Sofia, para que elas sempre acreditem no potencial dos sonhos.

Dedico.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, inicialmente, ao meu amado esposo, **Marcolany Medeiros Vieira**, pelo apoio incondicional, amor e confiança, por sempre se colocar ao meu lado me incentivando em todos os momentos. Muito obrigada por tudo e por tanto.

Às minhas lindas filhas, **Maria Emilia** e **Ana Sofia**, por quem dedico o amor mais puro e genuíno. Vocês são a motivação e a força motriz que me faz vencer as dificuldades que surgiram durante essa caminhada, vocês alegram a minha vida diariamente.

Aos meus pais, **Lúcia de Fátima Trajano da Silva** e **Raimundo Dantas da Silva**, que me ensinaram a olhar e enxergar a beleza que reside nas coisas simples. Aos meus queridos irmãos, **Luciano** e **Francisco Reginaldo**, por sempre acreditarem que a realização desse sonho seria possível.

Aos muitos colegas e amigos que pude conhecer e desfrutar de momentos memoráveis, durante esse processo, não citarei nomes para não incorrer no erro de esquecer algum, pois foram muitos e a cada um sou muito grata.

Aos professores, **Jairo Bezerra**, **Rômulo Lima**, **Maria Karolyne**, **Keila Lairine**, **Mauriene Freitas**, **Jeferson Dias**, **Rafael Melo**, **Vaneide**, que durante essa caminhada contribuíram para minha formação, sobretudo àqueles que além dos muitos ensinamentos foram fonte de inspiração: **Ana Paula**, **Auríbio Conceição**, **Fábio Figueredo**, **Hélber Tavares**, **Maria Fernandes**, **Eianny Cecília**. A todos o meu agradecimento sincero.

À minha orientadora, **Profa. Dra. Ana Paula Lima Carneiro**, um exemplo de dedicação e empenho. Pela valiosa orientação e paciência, pelo tempo, dedicação e cuidado dedicados à análise e avaliação do meu Trabalho de Conclusão de Curso. Suas sugestões, críticas construtivas e apontamentos foram fundamentais para o aprimoramento do meu trabalho e para o meu crescimento acadêmico. Muitíssimo obrigada.

Gostaria de expressar minha profunda gratidão à banca examinadora: **Profa. Dra. Maria Fernandes de Andrade Praxedes** e **Prof. Dr. Auríbio Farias Conceição** por contribuírem de maneira única e enriquecedora para a minha formação, ampliando meus horizontes e incentivando-me a buscar sempre a excelência em meus estudos. Sinto-me privilegiado por ter podido contar com profissionais tão qualificados e comprometidos com a qualidade do ensino e da pesquisa.

Aos funcionários do departamento, **Sandra**, **Sóstenes** e especialmente **Irmão Neto**, por se colocar sempre a disposição nos momentos em que necessitei de ajuda com questões burocráticas. Grata a todos.

Ao Programa Institucional de Bolsas de Residência Pedagógica (PRP), especialmente ao **Prof. Dr. Auríbio Farias Conceição** e a **Profa. Maria Udiens Ferreira Cavalcante Diniz**, por terem me auxiliado e possibilitado a oportunidade de viver minha primeira experiência com a docência.

Por fim, agradeço a todos que contribuíram para a realização desse sonho, por mim sonhado por toda a vida. Obrigada a todos!

“Eu sou aquela mulher a quem o tempo muito ensinou. Ensinou a amar a vida e não desistir da luta, recomeçar na derrota, renunciar palavras e pensamentos negativos. Acreditar nos valores humanos e ser otimista. Aprendi que mais vale tentar do que recuar... Antes acreditar do que duvidar, que o que vale na vida, não é o ponto de partida e sim a nossa caminhada.”

(Cora Coralina)

AS RELAÇÕES DE PODER E A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER EM *OLHOS D'ÁGUA* DE CONCEIÇÃO EVARISTO

RESUMO

Na nossa sociedade as relações entre homens e mulheres são marcadas pela desigualdade e pela submissão das mulheres aos homens. Essa desigualdade de poder se manifesta em diversas áreas da vida social, como no mercado de trabalho, na política, na família e na cultura. As mulheres, são vítimas de diversas formas de violência: preconceito de classe e de gênero, pobreza, descaso do Estado. Nesse ambiente socialmente desfavorável, às mulheres se acrescenta a violência promovida pela estrutura patriarcal, que apequena e inferioriza a mulher como forma de manter o poder de superioridade masculina. A discussão dessa temática se torna cada vez mais urgente e necessária, o que motivou a elaboração desse estudo, que tem como objetivo analisar as relações de poder e a violência contra a mulher na obra “*Olhos D’água*” (2014), de Conceição Evaristo, que nos apresenta as mulheres em sua antologia de contos, de forma diversa e multifacetada. Com ênfase nas múltiplas manifestações da violência contra a mulher presente nas narrativas “Ana Davenga”, “Duzu-Querença” e “Maria”, para serem analisados com maior atenção, destacando as relações de poder que determinadas instituições exercem sobre as protagonistas e a violência intrínseca que permeia as suas existências. Metodologicamente recorreremos ao embasamento teórico de Perrot (2019), Telles e Melo (2003), Priore (2022), Saffioti (2015), Zolin (2009), Candido (2019), Rezende (2008) dentre outros. A escrita de Conceição Evaristo é uma grande galeria de personagens que se confundem com a realidade de contextos sociais vulneráveis. Ao se deparar com personagens complexos e multifacetados, o leitor pode questionar suas próprias visões preconcebidas. O contato com essa literatura pode provocar no receptor uma ampla gama de impactos e reflexões, ampliando a sua consciência sobre a realidade dos grupos marginalizados e despertando uma sensibilidade para questões de justiça social e equidade. Suas histórias e personagens oferecem um convite para uma reflexão profunda sobre as desigualdades e injustiças presentes na sociedade, possibilitando uma maior empatia e compreensão da diversidade humana.

Palavras-chave: Relações de poder; Violência contra a Mulher; Patriarcado; Desigualdade Social.

POWER RELATIONSHIPS AND VIOLENCE AGAINST WOMEN IN OLHOS D'ÁGUA DE CONCEIÇÃO EVARISTO

ABSTRACT

In our society, relationships between men and women are marked by inequality and the submission of women to men. This inequality of power manifests itself in different areas of social life, such as the job market, politics, family and culture. Women are victims of various forms of violence: class and gender prejudice, poverty, state neglect. In this socially unfavorable environment, women are subject to violence promoted by the patriarchal structure, which diminishes and inferiorizes women as a way of maintaining the power of male superiority. The discussion of this topic becomes increasingly urgent and necessary, which motivated the preparation of this study, which aims to analyze power relations and violence against women in the work “Olhos D'água” (2014), by Conceição Evaristo, who presents us with women in his anthology of short stories, in a diverse and multifaceted way. With emphasis on the multiple manifestations of violence against women present in the narratives “Ana Davenga”, “Duzu-Querença” and “Maria”, to be analyzed with greater attention, highlighting the power relations that certain institutions exercise over the protagonists and violence intrinsic that permeates their existence. Methodologically, we resort to the theoretical basis of Perrot (2019), Telles and Melo (2003), Priore (2022), Saffioti (2015), Zolin (2009), Candido (2019), Rezende (2008) among others. Conceição Evaristo's writing is a large gallery of characters who are confused with the reality of vulnerable social contexts. When faced with complex and multifaceted characters, the reader can question their own preconceived views. Contact with this literature can provoke a wide range of impacts and reflections in the recipient, increasing their awareness of the reality of marginalized groups and awakening sensitivity to issues of social justice and equity. Its stories and characters offer an invitation to deeply reflect on the inequalities and injustices present in society, enabling greater empathy and understanding of human diversity.

Keywords: Power relations; Violence against Women; Patriarchy; Social inequality.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2. LITERATURA E SOCIEDADE	13
2.1 As relações de poder e as formas de manifestação da violência contra a mulher	16
2.2 A representação feminina na literatura contemporânea	23
3. LITERATURA DE AUTORIA FEMININA NA CONTEMPORANEIDADE.....	30
3.1 Conceição Evaristo: Vida e obra.....	32
3.2 A representação da personagem feminina na narrativa afro-brasileira de Conceição Evaristo ..	36
4. AS RELAÇÕES DE PODER E A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER EM <i>OLHOS D'ÁGUA</i>.....	41
4.1 Representações de poder e manifestações da violência contra a mulher nos contos: “Ana Davenga”, “Duzu-Querença” e “Maria”	44
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	58
REFERÊNCIAS	60

1 INTRODUÇÃO

As relações de poder são um fenômeno intrínseco às interações sociais e estão presentes em todas as esferas da vida em sociedade. O poder pode ser conceituado como a capacidade de influenciar o comportamento de outras pessoas, seja de forma coercitiva, autoritária ou persuasiva. Essas relações se manifestam de diversas maneiras e podem assumir diferentes formas. Uma das principais manifestações de poder nas relações sociais é a hierarquia. Essa hierarquia pode ser baseada em critérios como status, posição social, habilidades ou recursos econômicos.

O patriarcado tem sido o sistema dominante em muitas culturas ao redor do mundo, estabelecendo uma hierarquia que coloca os homens no topo da estrutura social. Essa dominação masculina se manifesta de diversas formas, desde a limitação das oportunidades das mulheres no mercado de trabalho até a violência de gênero, passando pela objetificação do corpo feminino e pela imposição de padrões de comportamento e estética. O sexismo, a misoginia e o machismo são formas de violência simbólica que reforçam a ideia de que os homens são superiores às mulheres e têm o direito de dominá-las.

A manutenção desse domínio patriarcal resultou em uma sociedade com mulheres de distintas classes sociais silenciadas e humilhadas. No entanto, em uma sociedade que além da cultura patriarcal se configura como escravista, como é o caso do Brasil, as violências praticadas contra a população negra especialmente, as mulheres negras são potencializadas, uma consequência do machismo e do racismo estrutural que perpetua no país.

Na antologia de contos *Olhos D'água*, publicada em 2014, a autora Conceição Evaristo, expõe com uma linguagem sutil e poética e, sobretudo, crítica, a pluralidade da existência das mulheres. Direcionando o foco narrativo para as mazelas nas quais a população afro-brasileira está inserida, evidenciando a violência urbana, a pobreza e as diversas formas de violência que acometem os corpos negros femininos.

Neste trabalho, discutem-se as relações de poder e as múltiplas violências impetradas contra as mulheres, além da denúncia das injustiças sociais em desfavor da população afro-brasileira abordadas na obra literária. Para isso, é importante esclarecer o conceito e os tipos de violências praticadas contra as mulheres, como também o perfil físico e social das vítimas.

Com a intenção de compreender como as estruturas patriarcais estabelecem as relações de poder e dominação masculina, que influenciam e contribuem para a desigualdade de gênero e a cultura machista, resultando na submissão das mulheres e na violência perpetrada contra

elas, buscando compreender a forma como a sociedade percebe e interpreta tais agressões, objetiva-se analisar as condições e as flagrantes consequências das diversas violências nas quais as mulheres são vítimas durante toda a vida, justificando assim a necessidade de discutir essa temática tão evidente em nossa sociedade. Do ponto de vista teórico e metodológico recorreremos ao embasamento teórico de Perrot (2019), Telles e Melo (2003), Priore (2022), Candido (2019), Rezende (2008) dentre outros.

A pesquisa está estruturada da seguinte forma: A primeira parte trata-se da introdução, que faz uma contextualização do aspecto temático, teórico, metodológico e estrutural; a segunda parte apresenta uma discussão sobre a literatura e a sociedade, como essa relação interfere na representação feminina na literatura, as relações de poder e suas manifestações nas relações sociais, destacando a manifestação das diferentes formas de violência contra as mulheres, suas tipologias, categorias e consequências, além de uma discussão sobre as injustiças sociais que evidenciam as violências contra as mulheres, também se discute as leis e formas de combate desse crime.

Na terceira parte, apresenta uma discussão sobre a literatura de autoria feminina, que abrange um vasto campo de gêneros e estilos literários, com obras que exploram temas variados e oferecem perspectivas únicas sobre a experiência feminina. Apresenta ainda, considerações sobre a vida e a obra da autora contemporânea Conceição Evaristo e como é representada a personagem feminina afro-brasileira em sua obra.

Por fim, a quarta parte desse trabalho traz uma discussão sobre as relações de poder e dominação masculina na obra *Olhos D'água* (2014), de Conceição Evaristo. Com ênfase nas múltiplas manifestações da violência contra a mulher presente nas narrativas “Ana Davenga”, “Duzu-Querença” e “Maria”, para serem analisados com maior atenção, destacando as relações de poder que determinadas instituições exercem sobre as protagonistas e a violência intrínseca que permeia as suas existências. Por fim temos as considerações finais e as referências teóricas utilizadas para embasar esta monografia.

2. LITERATURA E SOCIEDADE

A relação entre arte e sociedade pode ser compreendida de forma mais ampla e profunda quando percebida sobre a ótica de duas tendências: a primeira, de que a arte é uma expressão da sociedade em que está inserida e a segunda que ela um instrumento social, interessado em abordar e refletir sobre os problemas sociais. A arte enquanto expressão da sociedade, reflete as características e valores de uma determinada época e contexto cultural. Por outro lado, a dimensão social da arte, deve estar interessada em abordar e refletir sobre os problemas sociais. Com esse entendimento, Candido (2006) considera que:

Para o sociólogo moderno, ambas as tendências tiveram a virtude de mostrar que a arte é social nos dois sentidos: depende da ação de fatores do meio, que se exprimem na obra em graus diversos de sublimação; e produz sobre os indivíduos um efeito prático, modificando a sua conduta e concepção do mundo, ou reforçando neles o sentimento dos valores sociais. Isto decorre da própria natureza da obra e independe do grau de consciência que possam ter a respeito os artistas e os receptores de arte (Candido, 2006, p. 24).

Ao analisar a arte como expressão da sociedade, Candido (2006) destaca como as obras artísticas refletem as características e valores de uma determinada época e contexto cultural. A arte, nesse sentido, funciona como um espelho que reflete a realidade social e cultural de seu tempo e não deve ser apenas um reflexo passivo da sociedade, mas sim um agente ativo de transformação e conscientização. Através da arte, é possível denunciar injustiças, fazer ecoar as vozes dos marginalizados e promover a reflexão crítica sobre as questões sociais.

A arte literária e a sociedade estão intrinsecamente ligadas, numa fusão entre texto e contexto, e pode ser vista como um espelho da sociedade, refletindo os aspectos culturais, políticos, sociais e econômicos de uma época, desempenhando um papel importante na formação da identidade cultural de uma sociedade, preservando tradições, histórias e mitos que ajudam a definir quem somos, no entanto, ao analisá-la, é preciso considerar o seu caráter ficcional distanciando a obra literária de um registro histórico como propõe Candido (2006):

Quando fazemos uma análise deste tipo, podemos dizer que levamos em conta o elemento social, não exteriormente, como referência que permite identificar, na matéria do livro, a expressão de uma certa época ou de uma sociedade determinada; nem como enquadramento, que permite situá-lo historicamente; mas como fator da própria construção artística, estudado no nível explicativo e não ilustrativo (Candido, 2006, p. 11-12).

A literatura, como forma de expressão artística e cultural, desempenha um papel fundamental na construção e na transformação da sociedade, a obra literária é muito mais do que simplesmente palavras escritas em um papel. Ela é um reflexo da sociedade em que está inserida, um produto social que reflete os valores, as ideias e as preocupações de um determinado tempo e lugar. Por meio de suas narrativas, personagens e temas, apresenta fenômenos que têm o poder de impactar e influenciar o comportamento e a mentalidade das pessoas. Candido (2006) vez dizer que:

Para a sociologia moderna, porém, interessa principalmente analisar os tipos de relações e os fatos estruturais ligados à vida artística, como causa ou consequência. Neste sentido, a própria literatura hermética apresenta fenômenos que a tornam tão social, para o sociólogo, quanto a poesia política ou o romance de costumes, como é o caso do desenvolvimento de uma linguagem pouco acessível, com a consequente diferenciação de grupos iniciados, e efeitos positivos e negativos nas correntes de opinião (Candido, 2006, p. 24).

O sociólogo Antonio Candido (2006), em suas reflexões sobre a função da literatura, destacou a importância da arte literária como um instrumento de expressão e reflexão sobre a realidade social. Para ele, a literatura não apenas entretém, mas também desempenha um papel fundamental na formação da consciência crítica dos indivíduos, como uma poderosa ferramenta humanizadora. Em suas reflexões, ressaltou a capacidade dos textos literários de promoverem a empatia, de despertarem a consciência ética e de ampliarem as perspectivas do leitor sobre a complexidade do mundo e das relações humanas.

Um certo tipo de função psicológica é talvez a primeira coisa que nos ocorre quando pensamos no papel da literatura. A produção e fruição desta se baseiam numa espécie de necessidade universal de ficção e de fantasia, que de certo é coextensiva ao homem, pois aparece invariavelmente em sua vida, como indivíduo e como grupo, ao lado da satisfação das necessidades mais elementares. E isto ocorre no primitivo e no civilizado, na criança e no adulto, no instruído e no analfabeto. A literatura propriamente dita é uma das modalidades que funcionam como resposta a essa necessidade universal, cujas formas mais humildes e espontâneas de satisfação talvez sejam coisas como a anedota, a adivinha, o trocadilho, o rifão (Candido, 2006, p. 82-83).

A literatura, segundo Candido (2006), é capaz de nos colocar em contato com as experiências, sentimentos e realidades de outras pessoas, oferecendo-nos a possibilidade de compreendermos melhor a diversidade e a riqueza da condição humana. Além disso, nos convida a exercitar nossa imaginação e a aprimorar o nosso senso crítico. Ao nos confrontarmos

com os mundos criados pelos escritores, somos desafiados a questionar nossas próprias crenças e preconceitos, a ampliar nossos horizontes intelectuais e emocionais e a nos tornarmos pessoas mais tolerantes, sensíveis e conscientes.

Por outro lado, a literatura também tem o poder de questionar e problematizar as estruturas sociais existentes, criticando injustiças, desigualdades e opressões. Autores e autoras, muitas vezes, usam a literatura como uma forma de resistência e de luta por mudanças sociais. Assim, podemos dizer que a literatura é um reflexo da sociedade, mas também é uma força que pode transformar a sociedade, provocando reflexões, debates e mudanças.

A literatura contemporânea brasileira tem sido marcada por uma diversidade de temáticas, estilos e escolhas linguísticas adotadas pelos escritores. Diferentemente de períodos anteriores, em que havia uma certa padronização de temas e estilos, os autores contemporâneos têm explorado uma gama mais ampla de assuntos e linguagens, refletindo a pluralidade da sociedade atual. É possível observar uma preocupação cada vez maior com questões sociais, políticas e identitárias.

Muitos escritores contemporâneos abordam temas como diversidade cultural, desigualdades sociais, questões de gênero e sexualidade, entre outros assuntos relevantes para a realidade brasileira atual. Além disso, têm explorado novas formas de narrativa e experimentação estilística, rompendo com modelos tradicionais e buscando inovação e originalidade. No que diz respeito ao estilo e às escolhas linguísticas, tais autores têm se mostrado mais ousados e criativos. Eles utilizam recursos como a fragmentação narrativa, a intertextualidade, o uso de linguagem coloquial e a mistura de gêneros literários e buscam explorar novas possibilidades de comunicação e expressão, desafiando as convenções estabelecidas e ampliando as fronteiras da literatura.

A literatura brasileira do século XXI tem sido objeto de estudo e análise por diversos especialistas da área, entre eles a pesquisadora Beatriz Rezende (2008). Com um olhar atento e crítico, ela tem se debruçado sobre as obras dos autores brasileiros que se destacam no cenário literário atual, buscando compreender as transformações e tendências que permeiam a produção literária no país. Para Rezende (2008):

Há, na maioria dos textos, a manifestação de uma urgência, de uma presentificação radical, preocupação obsessiva com o presente que contrasta com um momento anterior, de valorização da história e do passado [...] O que interessa, sobretudo, são o tempo e o espaço presentes, apresentados com a urgência que acompanha a convivência com o intolerável (Rezende, 2008, p. 27).

Além disso, Beatriz Rezende (2008), orienta sobre a urgência de voltar o olhar para o presente, o agora e ressalta a importância da representatividade e da diversidade na literatura contemporânea brasileira. Autores que trazem para suas obras vozes e experiências marginalizadas e subalternas têm ganhado destaque, contribuindo para a ampliação do cenário literário nacional e para a reflexão sobre as diversas realidades presentes na sociedade atual. Esta percepção também é destacada nos estudos de Karl Erik Schollhammer (2009), em sua obra: *Ficção Contemporânea Brasileira*. discute a tendência em presentificar de forma urgente a realidade perturbada dos nossos tempos.

Para Schollhammer (2009, p. 10): “O escritor contemporâneo parece estar motivado por uma grande urgência em se relacionar com a realidade histórica, estando consciente, entretanto, da impossibilidade de captá-la na sua especificidade atual, em seu presente”. Diante desse panorama, é possível afirmar que a literatura contemporânea brasileira se apresenta como um espaço de pluralidade e experimentação, onde diferentes vozes e perspectivas dialogam e se entrelaçam. A atuação de pesquisadores como Beatriz Rezende (2008) e Schollhammer (2009) tem sido fundamental para a compreensão dessas dinâmicas e para a valorização do cenário literário nacional, auxiliando no reconhecimento e na perpetuação da diversidade e da riqueza da produção literária brasileira na atualidade.

Quanto à recepção e aceitação por parte do público, a literatura contemporânea brasileira tem sido bem recebida, especialmente por um público mais jovem e engajado com questões sociais e culturais. A presença de escritores em redes sociais e a realização de eventos literários que promovem o diálogo entre autores e leitores têm contribuído para uma maior interação e proximidade entre os criadores e seu público. Além disso, a diversidade de temas e estilos abordados tem permitido que a literatura brasileira contemporânea tenha um alcance mais amplo e uma relevância maior na cena cultural do país.

2.1 As relações de poder e as formas de manifestação da violência contra a mulher

As relações de poder são um fenômeno intrínseco às interações sociais e estão presentes em todas as esferas da vida em sociedade. O poder pode ser entendido como a capacidade de influenciar o comportamento de outras pessoas, seja de forma coercitiva, autoritária ou persuasiva. Essas relações se manifestam de diversas maneiras e podem assumir diferentes formas. Uma das principais manifestações de poder nas relações sociais é a hierarquia. Foucault

(2001, p. 1680) destaca que em: “Uma análise diferencial dos diferentes níveis de poder dentro da sociedade”, constata-se que em praticamente todas as instituições sociais, como empresas, escolas, governos e famílias, existe uma estrutura de poder que estabelece quem detém autoridade e quem deve obedecer. Essa hierarquia pode ser baseada em critérios como status, posição social, habilidades ou recursos econômicos.

Uma forma de manifestação do poder nas relações sociais é a violência e a coerção. A violência é um fenômeno intrínseco à história da humanidade, estando presente desde os primórdios da sociedade humana. Ela se manifesta de diversas formas, como agressões físicas, guerras, conflitos armados, genocídios, torturas, entre outros. Para (Teles; Melo, 2012, p. 13), significa: “[...] uso da força física, psicológica ou intelectual para obrigar outra pessoa a fazer algo que não está com vontade; é constranger, é tolher a liberdade, [...] sob pena de viver gravemente ameaçada [...] ser espancada, lesionada ou morta”. Ao longo dos séculos, a violência tem sido uma constante na vida das sociedades, sendo utilizada como instrumento de poder, controle e dominação. Guerras e conflitos armados têm sido travados por motivos políticos, econômicos, religiosos e territoriais, causando enorme devastação e sofrimento para milhões de pessoas ao redor do mundo.

Violência pode ser conceituada de várias formas, contudo, frequentemente se configura como uma ação praticada com a intenção de causar dano a outra pessoa. A violência pode ser praticada de forma direta, por meio de ataques físicos ou verbais, ou de forma indireta, por meio de ameaças, intimidações, discriminações, podem ser praticadas por indivíduos, grupos, instituições ou até mesmo pelo Estado. Marilena Chauí (2017) em seus escritos “Sobre a Violência”, conceitua:

Etimologicamente, “violência” vem do latim *vis*, força e significa: 1. tudo o que age usando a força para ir contra a natureza de algum ser (é desnaturalizar); 2. todo ato de força contra a espontaneidade, a vontade e a liberdade de alguém (é coagir, constranger, torturar, brutalizar); 3. todo ato de violação da natureza de alguém ou de alguma coisa valorizada positivamente por uma sociedade (é violar); 4. todo ato de transgressão contra aquelas coisa e ações que alguém ou uma sociedade definem como justas e como um direito (é espoliar ou a injustiça deliberada); 5. conseqüentemente, violência é um ato de brutalidade, sevícia e abuso físico e/ ou psíquico contra alguém e caracteriza relações intersubjetivas e sociais definidas pela opressão e pela intimidação, pelo medo e pelo terror (Chauí, 2017, p. 35-36).

Nessa definição, Chauí (2017) apresenta a violência como um fenômeno de sentido amplo e complexo, não se limitando à dimensão física, mas também psíquica e simbólica.

Independente da sua origem, a violência tem deixado uma marca indelével na história, causando sofrimento e mudando o curso de civilizações inteiras.

Seguindo essa linha de pensamento, entendemos a violência contra a mulher como um fenômeno que tem raízes profundas na história da humanidade, sendo uma manifestação de desigualdade de gênero e poder entre homens e mulheres. Durante grande parte da história, as mulheres foram consideradas propriedade dos homens e subjugadas a eles, o que as colocavam em situação de vulnerabilidade. As relações de poder que sustentam o patriarcado e a dominação masculina são temas recorrentes no cenário social e acadêmico contemporâneo. Essa discussão tem ganhado cada vez mais visibilidade e relevância, visto que essa dinâmica influencia diretamente diversas esferas da vida em sociedade.

Historicamente, o patriarcado tem sido o sistema dominante em muitas culturas ao redor do mundo, estabelecendo uma hierarquia que coloca os homens no topo da estrutura social. Essa dominação masculina se manifesta de diversas formas, desde a limitação das oportunidades das mulheres no mercado de trabalho até a violência de gênero, passando pela objetificação do corpo feminino e pela imposição de padrões de comportamento e estética. O sexismo, a misoginia e o machismo são formas de violência simbólica que reforçam a ideia de que os homens são superiores às mulheres e têm o direito de dominá-las.

A história das mulheres é marcada pelo drama das múltiplas violências praticadas contra elas cotidianamente em todas as partes do mundo. Esse fenômeno, historicamente, foi naturalizado e por muito tempo silenciado em nome da manutenção do poder que os homens exercem sobre o corpo e a existência das mulheres, se materializando como forma de violência. A valorização do masculino em relação ao feminino é determinada por aspectos sociais e culturais que definem e legitimam lugares, direitos, deveres e papéis para homens e mulheres na sociedade, desencadeando uma grande desigualdade que desfavorece, subjuga e limita as mulheres ao espaço doméstico, como afirmam Teles; Melo (2012):

As mulheres foram transformadas no maior grupo discriminado da história da humanidade, sem contudo, serem excluídas inteiramente das atividades masculinas. Criou-se assim uma imensa integração entre opressores e oprimidos, que fez com que estes usassem a mesma cama, a mesma alimentação e tudo mais que também fosse usado pelos opressores. Dar a necessidade de obrigar as mulheres a aceitarem a própria degradação (Teles; Melo, 2012, p. 30).

A violência contra a mulher é uma manifestação extrema do controle e da dominação exercidos sobre as mulheres em um contexto patriarcal. A relação entre a violência contra a

mulher e a sociedade patriarcal é profunda e complexa. De acordo com Almeida (2007, p. 28): “[...] a violência de gênero se passa num quadro de disputa pelo poder, o que significa que não é dirigida a seres, em princípio, submissos, mas revela que o uso da força é necessário para manter a dominação”. O que define o patriarcado como um sistema social em que os homens detêm o poder, refletindo em diversos aspectos da vida cotidiana. As mulheres são responsáveis por cuidar das emoções e do bem-estar emocional dos membros da família e da comunidade. Naturalmente, elas são instruídas a serem submissas aos homens, são elas que desempenham o papel de cuidadoras, tanto em relação às crianças quanto aos idosos e doentes da família e por fim, desempenham um trabalho invisível, não remunerado, não valorizado na mesma medida que o trabalho realizado pelos homens. Segundo Madeira e Costa (2012):

A violência contra mulher é determinada por aspectos sociais e culturais que definem e legitimam lugares, direitos, deveres e papéis diferenciados para mulheres e homens, embasando a desigualdade de gênero presente historicamente na sociedade contemporânea (Madeira; Costa, 2012, p. 87).

No Brasil, a violência é um grave problema social que afeta milhares de mulheres em todo o país. De acordo com dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), uma em cada três mulheres já sofreu algum tipo de violência física, psicológica ou sexual. Muitas vezes, essas agressões são cometidas por parceiros íntimos, familiares, conhecidos ou até mesmo estranhos. O Fórum Brasileiro de Segurança Pública 2023, aponta o aumento dos casos de violência contra a mulher:

A violência contra a mulher cresceu em 2022. Essa foi a conclusão do relatório “Visível e Invisível: a Vitimização de Mulheres no Brasil”, divulgado pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública em março deste ano, cujos dados são baseados em pesquisa de vitimização. Na ocasião, apontamos para os maiores níveis de vitimização por agressão e assédio desde a primeira edição da pesquisa, realizada em 2017. [...] Infelizmente, o que os números revelam não é nada positivo: os feminicídios cresceram 6,1% em 2022, resultando em 1.437 mulheres mortas simplesmente por serem mulheres. Os homicídios dolosos de mulheres também cresceram (0,9% em relação ao ano anterior), o que impossibilita falar apenas em melhora da notificação como causa explicativa para o aumento da violência letal. Além dos crimes contra a vida, as agressões em contexto de violência doméstica tiveram aumento de 2,9%, totalizando 245.713 casos; as ameaças cresceram 7,2%, resultando em 613.529 casos; e os acionamentos ao 190, número de emergência da Polícia Militar, chegaram a 899.485 ligações, o que significa uma média de 102 acionamentos por hora. Além disso, registros de assédio sexual cresceram 49,7% e totalizaram 6.114 casos em 2022 e importunação sexual teve crescimento de 37%, chegando ao patamar de 27.530 casos no último ano. Ou seja, estamos falando de um crescimento muito significativo e que perpassa

todas as modalidades criminais, desde o assédio, até o estupro e os feminicídios (FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA, 2023, p. 136).

Os dados divulgados no Anuário destacam ainda o perfil das vítimas dessa violência letal, evidenciando que a manifestação da violência contra as mulheres ocorre de maneira mais alarmante no contexto da interseccionalidade de raça e de gênero, que refletem a interseção de discriminação racial, sexismo, objetificação e outras formas de opressão. Mulheres negras frequentemente são alvo de estereótipos que as desumanizam e as tornam mais vulneráveis à violência. Os dados do estudo reafirmam os elementos de racismo aliado a violência de gênero como uma das principais causas de morte de mulheres no país:

O recorte em termos de raça/cor das mulheres vítimas de violência letal no país reafirma os elementos de racismo que perpassam todas as modalidades criminosas no país, de um jeito ou de outro. Entre as vítimas de feminicídio, têm-se que 61,1% eram negras e 38,4% brancas. Nos demais assassinatos de mulheres, o percentual de vítimas negras é ainda maior, com 68,9% dos casos, para 30,4% de brancas (FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA, 2023, p. 142).

Aliado a questões de raça e gênero, a população afro-brasileira ainda está exposta a violência urbana e a vulnerabilidade social que estão interligadas de maneira complexa, refletindo desigualdades estruturais, exclusão social e falta de acesso a direitos básicos em contextos urbanos. A violência urbana pode se manifestar de diversas formas, como crimes violentos, tráfico de drogas, violência doméstica, criminalidade organizada, entre outros, e atinge desproporcionalmente grupos sociais vulneráveis, como pobres, moradores de comunidades periféricas, minorias étnicas, imigrantes e pessoas em situação de rua.

Alguns aspectos importantes a considerar sobre a relação entre violência urbana e vulnerabilidade social incluem: desigualdades socioeconômicas, exclusão social e segregação urbana resultando na concentração de grupos vulneráveis em áreas periféricas e precárias, cria cenários propícios para a violência e a criminalidade, tornando-os mais suscetíveis a serem vítimas ou perpetradores de violência. Nessas condições, mulheres e crianças ficam mais expostas à violência de gênero e doméstica, uma vez que a falta de recursos, de suporte e de acesso a serviços de proteção dificulta a busca de ajuda e a saída de situações abusivas. A presença de dinâmicas de poder desiguais, de normas culturais prejudiciais e de limitações econômicas contribui para a perpetuação da violência nessas relações.

A violência contra a mulher pode se manifestar de diversas formas, sendo importante reconhecer os diferentes tipos para que possam ser identificados, denunciados e combatidos.

De acordo com a Lei Maria da Penha – nº 11.340/06 são formas de violência contra a mulher: A violência física, que se configura como a forma visível da violência, envolve qualquer ação que cause dano físico ao corpo, incluindo empurrões, socos, tapas, estrangulamentos, queimaduras, entre outros. Esse tipo de violência pode resultar em ferimentos graves ou até mesmo em morte. Osterne (2011) define como:

[...] um ato executado com intenção, ou intenção percebida, de causar dano físico a outra pessoa. O dano físico poderá ser compreendido desde a imposição de uma leve dor, passando por um tapa, até ao extremo de um assassinato. Pode deixar marcas, hematomas, cortes, arranhões, fraturas ou mesmo provocar a perda de órgão e a morte (Osterne, 2011, p. 134).

A violência psicológica, se configura como uma violência devastadora para a existência das mulheres como um todo. Pode incluir ameaças, humilhação, manipulação, isolamento, controle excessivo, chantagem emocional e críticas constantes. Esse tipo de violência pode ter um impacto profundo na autoestima e na saúde mental da vítima. A Lei Maria da Penha – nº 11.340/06, apresenta a definição:

A violência psicológica, entendida como qualquer conduta que lhe cause dano emocional e diminuição da autoestima ou que lhe prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento ou que vise degradar ou controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões, mediante ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, vigilância constante, perseguição contumaz, insulto, chantagem, ridicularização, exploração e limitação do direito de ir e vir ou qualquer outro meio que lhe cause prejuízo à saúde psicológica e à autodeterminação (Brasil, Lei nº 11.340/06, 2006, n. p).

Violência simbólica, refere-se à dominação e opressão exercida pelo homem em desfavor da mulher no contexto das sociedades patriarcais. Portanto, esse tipo de violência se manifesta em uma forma de dominação que atua de maneira sutil e indireta, impondo seus valores, normas e visões de mundo de forma que estes possam ser naturalizados e internalizados como legítimos. Para Bourdieu (2012):

[...] A violência simbólica se institui por intermédio da adesão que dominado não pode deixar de conceder ao dominante (e, portanto, à dominação) quando ele não dispõe, para pensá-la e para se pensar, ou melhor, para pensar sua relação com ele, mais que de instrumentos de conhecimento que ambos têm em comum e que, não sendo mais que a forma incorporada da relação de dominação, fazem esta relação ser vista como natural; ou, em outros termos, quando os esquemas que ele põe em ação para se ver e se avaliar, ou para ver e avaliar os dominantes (elevado/baixo, masculino/feminino, branco/negro

etc), resultam da incorporação de classificações, assim naturalizadas, de que seu ser social é produto (Bourdieu, 2012, p. 47).

As mulheres, ainda estão expostas a situações de violência sexual, que provocam consequências físicas, emocionais e psicológicas devastadoras para as vítimas. Podem ser vítimas de violência patrimonial, tendo as suas autonomias financeiras e pessoais controladas e limitadas por seus companheiros. Em situação que envolva difamação, calúnia, injúria e outras formas de agressão verbal destinadas a prejudicar a reputação e a integridade da mulher, consiste em um caso de violência moral. Esse tipo de violência pode ter um impacto psicológico significativo na vítima.

É importante ressaltar que esses tipos de violência, muitas vezes, estão interligados, o que se configura como a violência doméstica e podem ocorrer de forma simultânea em um relacionamento ou situação de vida. Infelizmente, quando a violência doméstica não é interrompida, pode escalar para o feminicídio, que consiste no homicídio cometido contra mulheres em razão de sua condição de gênero, é um crime brutal que ocorre quando uma mulher é assassinada simplesmente por ser mulher.

O feminicídio é um problema global que afeta mulheres em todo o mundo, independentemente de sua origem étnica, cultural ou socioeconômica. Países de todas as regiões enfrentam desafios relacionados à violência de gênero e ao feminicídio. Em alguns lugares, existem leis específicas para combater o feminicídio, enquanto em outros, esse tipo de violência pode ser menos reconhecido ou enfrentar obstáculos legais e culturais significativos. Organizações internacionais, como as Nações Unidas, têm se dedicado na conscientização e no combate ao feminicídio em nível global, buscando promover políticas e práticas que protejam os direitos das mulheres e acabem com a impunidade dos agressores.

O feminicídio de mulheres negras é uma manifestação específica da interseccionalidade entre racismo e sexismo. Mulheres negras enfrentam uma combinação única de discriminação racial e de gênero, o que as torna especialmente vulneráveis à violência. Elas frequentemente enfrentam barreiras adicionais para buscar ajuda e justiça, devido ao racismo estrutural presente em muitas instituições. O combate ao feminicídio de mulheres negras requer uma abordagem interseccional que leve em consideração as múltiplas formas de opressão que elas enfrentam.

Os impactos do feminicídio são devastadores tanto para a sociedade como para as famílias das vítimas. Para a sociedade, o feminicídio contribui para a perpetuação de um ambiente de medo e insegurança, especialmente para as mulheres, que passam a viver com o temor constante de serem vítimas de violência semelhante. Além disso, o feminicídio desafia

os princípios fundamentais de igualdade e dignidade humana, minando os esforços para construir sociedades mais justas e inclusivas.

2.2 A representação feminina na literatura contemporânea

A representação feminina na literatura ao longo do tempo histórico tem sido objeto de estudo e reflexão devido às dificuldades enfrentadas pelas mulheres para terem suas vozes e experiências retratadas de forma autêntica e respeitosa. Desde os primórdios da literatura, as mulheres foram frequentemente relegadas ao papel de personagens secundárias, estereotipadas como donzelas em perigo ou fúteis interesseiras. Para Michelle Perrot, (2019, p. 16): “Escrever a história das mulheres é sair do silêncio em que elas estavam confinadas”. A autora é uma das mais importantes pesquisadoras da história das mulheres e tem procurado em seus estudos trazer visibilidade e fazer ecoar suas vozes que foram silenciadas historicamente. A respeito desse silenciamento, Perrot (2019) acrescenta:

[...] “Tudo é história”. Por que as mulheres não pertenceriam à história? Tudo depende do sentido que se dá à palavra “história”. A história é o que acontece, a sequência de fatos, das mudanças, das revoluções, das acumulações que tecem o devir das sociedades. Mas é também o *relato* que se faz de tudo isso. [...] As mulheres ficaram muito tempo fora desse relato, como se, destinadas à obscuridade de uma inenarrável reprodução, estivessem fora do tempo, ou pelo menos, fora do acontecimento. Confinadas no silêncio de um mar abissal (Perrot, 2019, p. 16).

Acerca da invisibilidade a que as mulheres estavam delegadas e as dificuldades de escrever sobre elas, Perrot (2019, p. 17) expõe: “Até mesmo o corpo das mulheres amedronta. É preferível que esteja coberto de véus. [...] Porque são pouco vistas, pouco se fala delas”. Ela aponta a falta de fontes e registros sobre a vida e experiências das mulheres ao longo da história como um entrave para que as mulheres sejam percebidas de forma coerente ao que elas realmente representam. Elas sempre estiveram em uma posição marginalizada na sociedade, o que acabou por resultar em uma escassez de documentos que retratem suas vivências. Para Perrot (2019):

As mulheres deixam poucos vestígios diretos, escritos ou materiais. Seu acesso à escrita foi tardio. Suas produções domésticas são rapidamente consumidas, ou mais facilmente dispersas. São elas mesmas que destroem, apagam esses vestígios porque os julgam sem interesse. Afinal, elas são apenas mulheres, cuja vida não conta muito. Existe até um pudor feminino que

se estende à memória. Uma desvalorização das mulheres por si mesmas. Um silêncio consubstancial à noção de honra (Perrot, 2019, p. 17).

A representação feminina na literatura do século XIX foi marcada por uma série de aspectos que refletem as concepções e expectativas sociais da época em relação às mulheres. Neste período, as mulheres eram frequentemente retratadas como sendo frágeis, submissas e passivas, características que refletiam os valores patriarcais e religiosos da época. No entanto, foi nesse século, como aponta Priore (2022, p. 402): “[...] que surgiram os movimentos sociais, o socialismo e os feminismos, o movimento sufragista e a Nova Mulher”. Movimentos que desempenharam um papel fundamental na luta pelos direitos das mulheres, buscando promover a igualdade de gênero e garantir direitos civis e políticos para as mulheres.

No Brasil, uma das principais dificuldades enfrentadas pelas escritoras brasileiras do século XIX era a restrição ao acesso à educação formal. Poucas mulheres tinham a oportunidade de frequentar escolas ou universidades, o que limitava seu desenvolvimento intelectual e aprofundamento em áreas como literatura e escrita. Outro entrave era que a sociedade da época tinha visões conservadoras sobre o papel da mulher, limitando suas oportunidades de expressão e participação ativa na esfera cultural. Como aponta Priore (2022):

A conquista do território da escrita, da carreira de letras, foi longa e difícil para as mulheres no Brasil. Tanto que, ainda hoje, ouvimos Hilda Hilst, escritora brasileira contemporânea, afirmar que a atividade de escrever requer muito esforço; ou Raquel Jardim dizer, em *Cheiros e ruídos* (1976), que demorou anos para descobrir a sua forma de expressão e se aceitar como escritora, pois colocara sua necessidade de criar na casa e na combinação dos pratos que servia; ou ainda Zélia Gattai, em *Anarquistas graças a Deus* (1982), pensando no que diria a sua mãe ao ler o livro: “que menina atrevida! O que vão dizer!” (Priore, 2022, p. 409).

Duarte (2003, p. 152) escreve que: “[...] quando começa o século XIX, as mulheres brasileiras, em sua grande maioria, viviam enclausuradas em antigos preconceitos e imersas numa rígida indigência cultural”. E é através das conquistas do movimento feminista, que as meninas e mulheres passaram a ter o direito de aprender a ler e escrever. Duarte (2003, p. 153) aponta que: “A primeira legislação autorizando a abertura de escolas públicas femininas data de 1827”, com isso, abriu-se o caminho para tantas mulheres que viriam a se destacar no cenário literário brasileiro, ainda profundamente e predominantemente masculino. Conforme Duarte (2003):

O nome que se destaca nesse momento é o de Nísia Floresta Brasileira Augusta (1810-1885), nascida no Rio Grande do Norte, que residiu em Recife, Porto Alegre e Rio de Janeiro, antes de se mudar para a Europa, e que teria sido uma das primeiras mulheres no Brasil a romper os limites do espaço privado e a publicar textos em jornais da chamada “grande” imprensa. Seu primeiro livro, intitulado *Direitos das mulheres e injustiça dos homens*, de 1832, é também o primeiro no Brasil a tratar do direito das mulheres à instrução e ao trabalho, e a exigir que elas fossem consideradas inteligentes e merecedoras de respeito (Duarte, 2003, p. 153).

Outra escritora pioneira na produção de literatura feminina no Brasil foi Maria Firmina dos Reis, nascida em 1825, na cidade de São Luís, no Maranhão, foi a primeira romancista negra do Brasil e uma das primeiras mulheres a publicar um romance no país. Sua obra mais conhecida, *Úrsula*, foi publicada em 1859 e é considerada uma das primeiras novelas abolicionistas do Brasil, hoje considerado o primeiro romance de uma autora brasileira.

A importância de Maria Firmina dos Reis para a literatura brasileira vai além de sua obra literária. Ela foi uma das primeiras vozes a abordar a questão da escravidão e da discriminação racial no país, usando sua escrita como ferramenta de denúncia e conscientização. Em *Úrsula* (1859), por exemplo, a autora critica a escravidão e o sistema colonial brasileiro, e defende a abolição da escravidão e a igualdade entre as raças.

No século XX, a representação das mulheres como personagens na literatura passou por uma profunda transformação, refletindo as mudanças sociais, culturais e políticas da época. As autoras desse período exploraram uma variedade de temas relacionados à experiência feminina, incluindo questões de identidade, autonomia, sexualidade e poder. Além disso, autoras como Toni Morrison, em obras como *Amada* (1987) e *O Olho Mais Azul* (1970), trouxe à tona questões de gênero, raça e poder, através de personagens femininas complexas e engajadas em lutas por igualdade e justiça social.

Discussões como essas, tornaram a literatura um espaço de resistência e empoderamento para as mulheres, permitindo que elas explorassem suas experiências, desafiassem as normas de gênero e reivindicassem sua voz e sua agência. Sem dúvida, essas escritoras foram fundamentais para as futuras gerações, muito embora, não encontraram facilidades para se expressarem em um ambiente ainda dominado pela presença e por narrativas masculinas. Elas abriram caminhos para um movimento de reivindicação do espaço das mulheres na literatura, explorando temas como o corpo, a sexualidade, o feminismo e as relações de gênero de forma mais autêntica e diversificada. Como destaca Zolin, (2009):

A chamada pós-modernidade – aqui tomada como um conceito ideológico amplo, alicerçado na infraestrutura industrial e econômica ocidental e na globalização, a partir dos anos 1960, que descreve profundas repercussões na expressão popular, na comunicação de massa, nas manifestações culturais, em geral [...]. No âmbito dos estudos de gênero, essa mobilidade cultural tem acarretado novas configurações para as relações entre os sexos. Além de favorecer intersecções das questões de gênero com as de raça, classe, religião, etc., tal pensamento toma a mulher como parte integrante da nova ordem social e econômica. A literatura de autoria feminina brasileira, que vem emergindo nesse contexto, tem reagido positivamente aos estímulos referidos: as novas configurações sócio-culturais da pós-modernidade são representadas e discutidas criticamente nos textos literários escritos por mulheres (Zolin, 2009, p. 105).

Além disso, o movimento feminista que segue ganhando força, possibilita que diversas escritoras, como Virginia Woolf e George Eliot e outras mais, abordassem questões como o direito das mulheres à educação, ao voto e à liberdade sexual em suas obras. No entanto, essas autoras ainda enfrentavam resistência e desconfiança por parte da crítica literária masculina, que muitas vezes as descredenciaram por sua condição de gênero. Como aponta Perrot (2019):

Nos séculos XIX e XX elas conquistaram a literatura, o romance, em particular, que se tornou o território das grandes romancistas [...]. Elas escreveram todos os tipos de romance: o antigo e o novo, o rosa e o negro, o sentimental e o policial, anteriormente apanágio dos homens e que se tornou nos últimos tempos um de seus domínios preferidos (Perrot, 2019, p. 99-100).

Escritoras como Simone de Beauvoir, Hannah Arendt, entre outras, trouxeram à tona temas como a opressão patriarcal, a maternidade e a loucura, como aponta Perrot (2019, p. 100): “Outras fronteiras são ainda mais resistentes: as ciências, principalmente a matemática, cuja abstração foi, por muito tempo, considerada um obstáculo redibitório ao exercício das mulheres”. Elas buscavam desconstruir os estereótipos de fragilidade e subserviência associados às mulheres na literatura. Apesar dos avanços conquistados ao longo dos anos, as dificuldades enfrentadas pelas mulheres na representação literária ainda persistem. Acerca da reflexão proposta por Beauvoir para a autonomia de expressão das mulheres, Perrot (2019), escreve:

Para Simone de Beauvoir, ao contrário, a reflexão sobre *Le Deuxième sexe* – as mulheres – é fundamental. Analisando a feminilidade, não como um fato da natureza, mas um produto da cultura e da história, inaugura um pensamento de desconstrução de grande alcance, mas com certeza mais dificilmente aceitável no tempo em que o publicou. Ela é, de algum modo, a mãe do gênero (sem, no entanto, utilizar esse vocábulo) (Perrot, 2019, p. 100).

Neste período pós-moderno, o Brasil apresenta uma disposição para a afirmação da mulher como escritora, rompendo com padrões estabelecidos e ampliando o espaço para a expressão de vozes femininas diversificadas. De acordo com Zolin (2009, p. 254): “[...] o novo lugar que a mulher passa a ocupar na sociedade em decorrência do feminismo [...] antes de domínio quase exclusivamente masculino, passou a ser praticada por mulheres; [...] estas passaram a escrever mais, [...] livres dos temores da rejeição e do escândalo”. Nesse contexto, destacam-se algumas autoras que influenciaram significativamente a cena literária nacional, mas que, continuaram enfrentando diversas dificuldades em relação à aceitação e publicação de suas obras.

Rompendo esse contexto desfavorável, Raquel de Queiroz foi uma das mais importantes escritoras brasileiras do século XX, sendo a primeira mulher a ingressar na Academia Brasileira de Letras. Nascida em 1910 no Ceará, a escritora se destacou por sua capacidade de representar a realidade do povo brasileiro, especialmente no que diz respeito à situação das mulheres. Sua escrita era marcada por uma forte consciência feminista e por uma preocupação em dar voz às mulheres que até então eram marginalizadas e silenciadas pela sociedade.

Na obra *O Quinze* (1930), Raquel de Queiroz aborda temas como a luta pela igualdade de gênero, a opressão das mulheres na sociedade patriarcal, a violência doméstica e a busca pela independência e autonomia feminina. Suas personagens eram sempre fortes, determinadas e capazes de enfrentar as adversidades com coragem e dignidade. Com uma linguagem clara e direta, a autora conseguia tocar a alma de seus leitores e colocá-los frente a frente com as questões mais urgentes de seu tempo. Sua importância para a representação feminina na literatura do século XX foi fundamental, pois abriu caminho para que outras escritoras pudessem também se fazer ouvir e encontrar sua voz na literatura brasileira. O que fica evidente na exposição de Duarte (2003):

Impõe-se também falar de Rachel de Queiroz, grande nome da literatura brasileira, que há décadas mantém um público atento e renovado, seja para seus romances, seja para sua extensa produção no campo da crônica jornalística. [...] Como outras mulheres, Rachel colocou-se na vanguarda de sua época ao penetrar no mundo das letras, na redação dos jornais e na célula partidária, espaços entranhadamente masculinos. A estréia em livro, ocorrida em 1930, com o romance *O quinze*, que trata do drama dos flagelados e de agudas questões sociais, provocou tal impacto nos meios literários que houve até quem duvidasse de sua identidade. [...] Não era para menos. Na narrativa de *O quinze*, por exemplo, ao lado de homens fragilizados pela exploração antiqüíssima e à catástrofe da seca, a personagem feminina exhibe traços de emancipação e prefere viver sozinha, “pensando por si”, do que aceitar um casamento tradicional (Duarte, 2003, p. 163-164).

Nélida Piñon, Lygia Fagundes Telles, Clarice Lispector, Sônia Coutinho, Hilda Hilst, Helena Parente Cunha, Marina Colasanti, Lya Luft, entre outras, muitas outras, tiveram um papel significativo na afirmação da mulher como escritora na cena literária pós-moderna brasileira. Como acrescenta Duarte (2003, p. 167): “Inúmeras outras escritoras poderiam ser lembradas pela reflexão que seus textos e personagens suscitam nas leitoras”. Suas obras, diz Zolin (2011, p. 96): “[...] põe em discussão as relações de gênero, promovendo o desnudamento e a consequente desestabilização da opressão feminina”. Com uma escrita que aborda temas como intimidade, identidade, e relações de poder, questionando os padrões estabelecidos e ampliando as possibilidades de representação das experiências femininas. Para Zolin (2009):

Nessa vasta galeria de personagens femininas que constituem os romances *As meninas* (1973), de Lygia Fagundes Telles, *A república dos sonhos* (1984), de Nélida Piñon, *A audácia dessa mulher* (1999), de Ana Maria Machado, e a coletânea de narrativas curtas *Inescritos* (2004), de Luci Collin – obras publicadas por importantes escritoras brasileiras no decorrer das últimas quatro décadas –, é sintomático o fato de não haver qualquer sugestão ancorada em proposições universais e essencialistas relacionadas ao modo de pensar o sujeito feminino. Parece que, no conjunto, tais escritoras ecoam o pensamento da pós-modernidade, descentralizando a hegemonia do discurso patriarcal, responsável pelo binarismo que, historicamente, vinha marcando as relações de gênero. Se nas obras mencionadas, ainda passeiam mulheres-objeto, também figuram, e com maior recorrência, mulheres-sujeito, capazes de decidir o rumo que desejam imprimir à própria vida (Zolin, 2009, p.113).

A importância dessas escritoras para as futuras gerações é incontestável e inestimável, suas obras têm sido fundamentais para a construção de uma identidade literária nacional e para a representação das vozes femininas no cenário literário brasileiro. A importância da escrita dessas duas autoras e como as mulheres são representadas nesses escritos, vai além de suas contribuições para a literatura brasileira, pois elas também servem de inspiração e referência para as futuras gerações de escritoras no país. Para Zolin, (2009):

Assim, as estratégias narrativas tipicamente pós-modernas, como a metanarrativa, a multiplicidade de pontos de vista narrativos, a paródia e a reescrita colocam-se, nessas obras, a serviço da imprescindível revisão de valores que marca a época, com destaque para a representação de identidades femininas plurais e fragmentadas, vivenciando enredos, igualmente, fragmentados. Trata-se, em sínteses, de a literatura de autoria feminina pós-moderna representar mulheres “possíveis” que refutam as imagens tradicionais, historicamente, a ela imputadas pelo pensamento patriarcal, como aquela marcada pela fragilidade excessiva e/ou delicadeza, pela santidade ou perversidade extrema, e, por fim, aquela que sinaliza a supermulher surgida nos anos 1960, capaz de se multiplicar para dar conta de tudo o que se espera dela: competir no mercado de trabalho, honrar com as

responsabilidades de mãe, de esposa e de dona-de-casa e, além de tudo isso, manter-se linda, magra e desejável (Zolin, 2009, p. 113).

Dessa forma, a importância dos seus escritos para as futuras gerações de escritoras no Brasil reside não apenas na qualidade de suas obras, mas também no exemplo que elas representam. Essas duas autoras, entre muitas outras, demonstraram que é possível para as mulheres ocuparem espaços de destaque na literatura e que suas vozes e experiências são valiosas e dignas de serem compartilhadas. Além disso, serve como um estímulo para as jovens escritoras brasileiras, encorajando-as a explorarem novas possibilidades narrativas, a desafiarem os padrões estabelecidos e a ousarem ser autênticas em suas criações. Suas obras são um convite para a reflexão e a transformação, encorajando as futuras gerações de escritoras a buscarem a sua própria voz e a fazerem-se ouvir.

3. LITERATURA DE AUTORIA FEMININA NA CONTEMPORANEIDADE

Num período histórico mais recente, nas últimas décadas do século XX e nos primeiros anos do século XXI, surge uma literatura que apresenta uma diversidade de temáticas e abordagens que refletem as mudanças e desafios da sociedade atual, a literatura contemporânea. Para Schollhammer (2009, p. 9): “Que significa ser contemporâneo? E que significa, na condição contemporânea, ser “literatura”? Pode-se dizer que [...] refere-se a obras que foram escritas e publicadas dentro do mesmo período de tempo em que estamos vivendo atualmente”. Isso significa que a literatura contemporânea reflete os temas, preocupações e questões que são relevantes para a sociedade atual. Buscando uma definição para esse novo modo de fazer literatura, Schollhammer (2009), apresenta essa definição:

“O contemporâneo é o intempestivo”, diz Barthes, o que significa que o verdadeiro contemporâneo não é aquele que se identifica com seu tempo, ou que com ele se sintoniza plenamente. O contemporâneo é aquele que, graças a uma diferença, uma defasagem ou um anacronismo, é capaz de captar seu tempo e enxergá-lo. Por não se identificar, por sentir-se em desconexão com o presente, cria um ângulo do qual é possível expressá-lo. Assim a literatura contemporânea não será necessariamente aquela que representa a atualidade, a não ser por uma inadequação, uma estranheza histórica que a faz perceber as zonas marginais e obscuras do presente, que se afastam de sua lógica (Schollhammer, 2009, p. 9-10).

Uma característica importante da literatura contemporânea é a urgência e diversidade de vozes e perspectivas que são representadas nas obras, muitas vezes, reflete a turbulência e complexidade do mundo moderno, abordando questões como desigualdade social, injustiça, violência, terrorismo e mudanças políticas. Os escritores contemporâneos frequentemente se engajam com as lutas e desafios enfrentados pela sociedade atual, oferecendo *insights* e perspectivas únicas sobre essas questões. Lembrando que até pouco tempo atrás, essas vozes eram e ainda são silenciadas, como demonstra Zolin (2011):

Para ter assegurado o direito de falar, enquanto o outro é silenciado, o sujeito que fala se investe de um poder advindo do lugar que ocupa na sociedade, delimitado em função de sua classe, de sua raça e, entre outros referentes, de seu gênero, os quais o definem como o paradigma do discurso proferido. Historicamente, esse sujeito imbuído do direito de falar é de classe média-alta, branco, e pertencente ao sexo masculino. No âmbito da arte literária, até meados do século passado, os discursos dominantes vinham circunscrevendo espaços privilegiados de expressão e, conseqüentemente, silenciando as produções ditas “menores”, provenientes de segmentos sociais

“desautorizados”, como as das minorias e dos/as marginalizados/as. O quadro comportava, de um lado, a visibilidade das obras canônicas, a chamada “alta cultura”; de outro, o apagamento da diversidade proveniente das perspectivas sociais marginais, que incluem mulheres, negros, homossexuais, não-católicos, operários, desempregados... (Zolin, 2011, p. 106).

Agora com poder de fala, os principais aspectos que marcam essa vertente da literatura são a pluralidade de vozes e a representatividade feminina, caracterizada pela busca por novas formas de expressão e de narrativas, rompendo com as estruturas tradicionais e explorando temas e experiências até então marginalizadas. Nesse contexto, a representatividade feminina ocupa um lugar de destaque, trazendo para o centro das discussões as vivências e perspectivas das mulheres. As autoras contemporâneas exploram questões relacionadas à identidade de gênero, à luta por igualdade e empoderamento feminino, assim como abordam temas como maternidade, sexualidade e violência de gênero.

Além disso, dá voz a experiências e realidades diversas, promovendo a visibilidade de diferentes trajetórias femininas, sejam elas rurais, urbanas, negras, LGBTQ+ ou de outras minorias, ampliando os horizontes da representatividade feminina e contribuindo para a desconstrução de relações de poder e opressão. Essa geração de escritores e escritoras, procuram desafiar as convenções e expectativas da narrativa tradicional, experimentando com formas e estilos de escrita inovadores. Para Schollhammer (2009, p. 15): “A literatura que hoje trata dos problemas sociais não exclui a dimensão pessoal e íntima, privilegiando apenas a realidade exterior; o escritor que opta por ressaltar a experiência subjetiva não ignora a turbulência do contexto social e histórico”.

A representação da violência tem sido um tema constantemente explorado em variadas produções literárias, refletindo a realidade de um país marcado por conflitos sociais, políticos e econômicos. Os escritores exploram essa violência de diversas formas, seja através de narrativas que retratam a brutalidade e o caos urbano, seja através da análise psicológica dos personagens que vivenciam ou praticam atos violentos. Resende (2008) destaca *Cidade de Deus* (1997), de Paulo Lins, *O matador* (1995), de Patrícia Melo, *Capão pecado* (2000) e *Manual prático do ódio* (2003), de Ferréz, como obras que retratam essa temática de forma crua, como um reflexo das desigualdades sociais e da marginalização de determinados grupos, denunciando a falta de políticas públicas eficazes para combater a criminalidade e a violência estrutural.

Nesse sentido, a literatura se torna um instrumento de denúncia e de reflexão sobre as raízes e as consequências dessa violência que assola o país. Além disso, a violência também é explorada como elemento narrativo, criando tramas complexas e personagens ambíguos que se

movem em um mundo onde a crueldade e o poder se entrelaçam de forma perturbadora. Os escritores contemporâneos brasileiros não têm medo de ousar e de confrontar o leitor com cenas chocantes e perturbadoras, buscando provocar uma reflexão sobre os limites da tolerância e da compaixão diante da brutalidade que permeia as relações humanas.

A cena literária brasileira está repleta de talentos femininos que se destacam pela qualidade e originalidade de suas obras. Estas escritoras têm conquistado cada vez mais espaço no cenário literário nacional e internacional, dando voz a experiências e perspectivas únicas. Entre as principais escritoras de literatura contemporânea brasileira, algumas que se destacam não só pela qualidade de suas obras, mas também pela relevância de seus temas e abordagens, é o caso da escritora afro-brasileira Conceição Evaristo, autora de livros como *Ponciá Vicêncio* (2003) e *Olhos D'água* (2014). Com uma escrita potente e marcante, aborda questões como racismo, feminismo e relações de poder de forma visceral e emocionante.

3.1 Conceição Evaristo: Vida e obra

Maria da Conceição Evaristo de Brito, nascida em Belo Horizonte, MG, na data de 29 de novembro de 1946, é uma das escritoras mais importantes e renomadas da literatura brasileira contemporânea. Nascida em uma família de origem humilde, que morava em uma favela de Belo Horizonte, começou a trabalhar desde muito cedo e teve que superar diversos obstáculos para conquistar sua formação educacional. Inicialmente, estudou em escolas públicas da capital mineira, onde teve que lidar com a falta de recursos materiais e com o preconceito racial presente na sociedade brasileira. Apesar das dificuldades, ela sempre teve interesse pelos estudos e pela literatura. Concluiu aos 15 anos o Curso Normal no Instituto de Educação de Minas Gerais, 1971¹. Em entrevista concedida a Eduardo de Assis Duarte, Conceição Evaristo rememora uma parte de sua trajetória:

Nasci, fui criada e morei, até por volta de meus 25 anos (1971), em uma grande favela de Belo Horizonte. Sou a segunda de nove irmãos, as quatro primeiras filhas, minha mãe criou praticamente sozinha. Tive uma infância de desejos frustrados e de muitas e muitas indagações. Foi nesse tempo, talvez, que apurei minha sensibilidade para o enfrentamento com o mundo. Muitas vezes assisti minha mãe chorar porque não tinha o que nos dar de comer. Faltavam roupas, sapatos, água, mas não faltava a esperança (Evaristo *apud* Duarte, 2014, p. 103).

¹ Informação disponível em: <<http://www.lettras.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceicao-evaristo>>. Acesso em: 10 de Jun. de 2014.

Posteriormente, mudou-se para o Rio de Janeiro para prestar concurso para o magistério, atuando como professora na rede pública de ensino fluminense, lá graduou-se em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) em 1990. Conceição Evaristo continuou seus estudos, cursou o Mestrado em literatura brasileira pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) com tema: Literatura Negra: uma poética de nossa afro brasilidade, apresentado em 1996 e o Doutorado em literatura comparada pela Universidade Federal Fluminense (UFF) com a temática: Poemas malungos – cânticos irmãos, estudo das obras de Nei Lopes, Edimilson de Almeida e Agostinho Neto, concluído em 2011².

Sua pesquisa acadêmica teve como foco a literatura afro-brasileira e a representação da mulher negra na literatura nacional, temas que também permeiam sua produção literária. Ao longo de sua carreira, Conceição Evaristo conquistou diversos prêmios e reconhecimentos por sua contribuição para a literatura brasileira, sendo uma das vozes mais importantes da literatura negra contemporânea no país.

Em 2023 a autora foi agraciada com o Troféu Juca Pato da União Brasileira de Escritores, premiada como intelectual do ano, Conceição recebeu a honraria pela publicação de *Canção para ninar menino grande* (2018) lançado pela UniPamares, em que narra as contradições e complexidades da masculinidade negra e os efeitos delas sobre as mulheres negras. A escritora também recebeu o Prêmio Governo de Minas Gerais de Literatura (conjunto da obra) em 2017, o Prêmio Jabuti na categoria Contos e Crônicas por *Olhos D'água* no ano de 2015 e o Prêmio Machado de Assis da Academia Brasileira de Letras.

Apesar de seu talento e originalidade, Conceição Evaristo precisou superar diversas barreiras para ser reconhecida e valorizada como escritora. A autora enfrentou o preconceito racial e social que permeia a sociedade brasileira, e teve que lutar para ter sua voz e sua obra legitimadas no universo literário, enfrentou a falta de visibilidade e de apoio institucional, o que dificultou o reconhecimento de seu trabalho e a sua inserção no mercado editorial. Além disso, buscou romper com estereótipos e paradigmas que marginalizam a literatura produzida por mulheres negras e periféricas.

Mesmo diante de tantos obstáculos, Evaristo não apenas se consolidou como uma das vozes mais potentes e singulares da literatura brasileira, como também se tornou uma referência para escritores e leitores que buscam por narrativas que representem a diversidade e a

² Informação disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceicao-evaristo>>. Acesso em: 10 de Jun. de 2024.

complexidade da sociedade brasileira. Sua obra literária é marcada pela força e pela autenticidade de suas narrativas, que trazem à tona questões profundas sobre a vivência da mulher negra no Brasil. Sua escrita é carregada de memórias e experiências pessoais, refletindo as complexidades da identidade afro-brasileira e dando voz às pessoas marginalizadas pela sociedade.

A integridade da obra de Evaristo se destaca não apenas pela qualidade literária, mas também pela sua capacidade de provocar reflexões e questionamentos em seus leitores. Seus textos são permeados por temas como racismo, sexo, gênero e classe social, abordados de forma sensível e contundente. A autora utiliza a linguagem de maneira poética e incisiva, criando uma atmosfera única que envolve e emociona quem se depara com suas palavras. Sua influência e relevância no cenário literário nacional são incontestáveis, consolidando-a como uma das vozes mais importantes da literatura brasileira contemporânea.

Em um país onde a representatividade negra ainda é escassa na literatura, a obra de Conceição Evaristo se destaca como um espaço de resistência e empoderamento para as comunidades afrodescendentes. Sua escrita é um convite à reflexão e à valorização da diversidade, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Em tempos de polarização e intolerância, a voz de Evaristo ressoa como um grito de esperança e de celebração da pluralidade cultural que define a identidade brasileira.

Sua escrita explora as complexidades das relações raciais e de gênero no Brasil, revelando as camadas de opressão e violência que permeiam a sociedade, de forma profundamente política, engajada e comprometida com a denúncia das desigualdades e injustiças sociais, testemunhando as marcas do racismo estrutural e da exclusão que ainda persistem na sociedade brasileira. Suas obras são instrumentos de resistência e de afirmação da cultura afrodescendente, contribuindo para a ampliação do repertório literário e para a construção de novas narrativas e identidades no cenário literário contemporâneo. Sobre a sua escrita, Evaristo (2007) esclarece:

Creio que a gênese da minha escrita está no acúmulo de tudo o que ouvi desde a infância. [...] Eu fechava os olhos fingindo dormir e acordava todos os meus sentidos. O meu corpo por inteiro recebia palavras, sons, murmúrios, vozes entrecortadas de gozo ou dor dependendo do enredo das histórias. De olhos cerrados, eu construía as faces de minhas personagens reais e falantes. Era um jogo de escrever no escuro. No corpo da noite (Evaristo, 2007, p. 19).

Na década de 1990, precisamente em 1991, na edição 14 da série *Cadernos Negros*, do grupo paulista Quilombhoje, um coletivo cultural paulista, fundado em 1978 como objetivo de

discutir e aprofundar a experiência afro-brasileira na literatura. Conceição Evaristo estreia a sua escrita em prosa e a partir daí se tornará conhecida como um dos destaques da literatura afro-brasileira contemporânea. Um gosto pessoal da autora.

Gosto de escrever, na maioria das vezes dói, mas depois do texto escrito é possível apaziguar um pouco a dor, eu digo um pouco... Escrever pode ser uma espécie de vingança, às vezes fico pensando sobre isso. Não sei se vingança, talvez desafio, um modo de ferir o silêncio imposto, ou ainda, executar um gesto de teimosa esperança. Gosto de dizer ainda que a escrita é para mim o movimento de dança-canto que o meu corpo não executa, é a senha pela qual eu acesso o mundo (Evaristo, 2005, p. 202).

Ponciá Vicêncio é o romance de estreia da escritora afro-brasileira Conceição Evaristo, publicado em 2003. A obra narra a história de Ponciá, uma mulher negra nascida no interior de Minas Gerais e que, ao longo da narrativa, enfrenta desafios e adversidades em sua busca por autodeterminação, identidade e emancipação. Um dos aspectos mais marcantes do romance é a escolha linguística, uma linguagem poética, permeada por uma musicalidade singular e por elementos da oralidade, que confere à narrativa uma proximidade com as tradições e os ritmos da cultura afro-brasileira. Foi traduzida para o inglês e publicada nos Estados Unidos em 2007.

Em 2006, lançou o seu segundo romance: *Becos da memória*, pela editora Mazza. Nesse livro, a autora aborda a temática da memória e da ancestralidade, explorando as relações familiares e a preservação da identidade cultural. O livro de poemas *Poemas da recordação e outros movimentos*, lançado em 2008 - Nandyala, destacando a autora romancista, como poetisa, contista e ensaísta. Em 2011 publicou pela mesma editora, *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2011): Essa coletânea de contos traz narrativas marcantes sobre a vida das mulheres negras, suas dores e resistências diante das injustiças e opressões.

Olhos D'água (2014) é um marco na literatura brasileira contemporânea. Lançado em 2014 - Pallas, o livro reúne 15 contos que abordam temas como racismo, violência, pobreza, solidão e injustiça social, apresentando personagens negros e marginalizados que lutam por dignidade e reconhecimento em uma sociedade que insiste em ignorá-los. A importância de *Olhos D'água* (2014) para a literatura brasileira reside não apenas nas temáticas abordadas, mas também nas escolhas linguísticas e estilísticas, Evaristo utiliza uma linguagem poética e fracionada, que reflete a realidade fragmentada e violenta vivida pelos personagens. Além disso, incorpora elementos da tradição oral africana, dando voz e vez aos personagens, na sua maioria mulheres, resgatando suas histórias e memórias. Como aponta Heloísa Toller Gomes no prefácio da obra *Olhos D'água* (2016) em sua 3ª edição:

Sem sentimentalismos facilitadores, mas sempre incorporando a tessitura poética à ficção, os contos de Conceição Evaristo apresentam uma significativa galeria de mulheres – Ana Davenga, a mendiga Duzu-Querença, Natalina, Luamanda, Cida, a menina Zaíta. Ou serão todas a mesma mulher, captada e recriada no caleidoscópio da literatura, em variados instantâneos de vida? Diferem elas em idade e conjunturas de experiências, mas compartilham da mesma vida de ferro, equilibrando-se na “frágil vara” que, lemos no conto “O *cooper* de Cida”, é a “corda bamba do tempo” (Evaristo, 2014, p. 9-10).

A representatividade é um dos pontos mais fortes de *Olhos d'água* (2014). A obra permite que o leitor se identifique com personagens negros e marginalizados, que, muitas vezes, são ignorados ou estereotipados na literatura brasileira. Conceição Evaristo subverte esses estereótipos ao apresentar personagens complexos, multifacetados e cheios de vida, que lutam por seus direitos e por uma vida digna. Além disso, a autora explora o papel da mulher negra na sociedade brasileira, abordando questões como a maternidade, a violência doméstica, o preconceito racial e a invisibilidade social. Com sensibilidade e profundidade, Evaristo retrata o cotidiano dessas mulheres, suas lutas e resistências, suas dores e alegrias, suas esperanças e desilusões.

Seguindo a sua vasta carreira de escritora, em 2016, publicou pela editora Malê, *Histórias de leves enganos e parecenças*, em 2018 publica *Canção para ninar menino grande*, pela UniPalmares e mais recentemente, apresentou ao público em um evento na Feira Literária de Paraty - (FLIP) em 2023, o conto *Macabéa: Flor de Mulungu*, recriando o destino da protagonista inventada por Clarice Lispector em *A Hora da Estrela*, 50 anos depois da sua publicação. Aqui Conceição relê Clarice e faz brotar a Flor de Mulungu, personagem realista, evocando a ancestralidade de Macabéa para costurar uma nova trajetória.

Toda a obra de Conceição Evaristo é marcada por uma profunda reflexão sobre as experiências e vivências das mulheres negras no Brasil. A autora utiliza uma linguagem singular, permeada pela oralidade e pela musicalidade característica da cultura afro-brasileira, criando narrativas envolventes e impactantes que dialogam com as tradições literárias e orais da diáspora africana. Em seus escritos, resgata a história e a memória de seus antepassados.

3.2 A representação da personagem feminina na narrativa afro-brasileira de Conceição Evaristo

A representação afro-brasileira na obra de Conceição Evaristo é marcada pela sensibilidade, pela autenticidade e pela força das vozes negras que emergem de suas páginas,

capazes de impactar os leitores, promovendo uma profunda reflexão sobre a história e as condições de vida da população negra no país. Em suas narrativas ficcionais e poéticas, a autora aborda temas como a violência, a discriminação, a pobreza. Essa temática, da forma que é apresentada na literatura atual não é percebida nas obras escritas anteriormente como destaca Ramos (1995):

O negro-tema é uma coisa examinada, olhada, vista, ora como ser mumificado, ora como ser curioso, ou de qualquer modo como um risco, um traço da realidade nacional que chama a atenção. O negro-vida é, entretanto, algo que não se deixa imobilizar; é despistador, profético, multiforme, do qual, na verdade, não se pode dar versão definitiva, pois é hoje o que não era ontem e será amanhã o que não é hoje (Ramos, 1995, p. 215).

Um dos aspectos mais marcantes da sua escrita é a identidade. Seus personagens frequentemente fazem referência à religiosidade de matriz africana, à oralidade e à musicalidade presentes na cultura negra. Além disso, a autora também utiliza a linguagem coloquial e as expressões populares da comunidade negra, rompendo assim com os contratos de fala e escrita ditados pelo mundo branco, tornando suas narrativas mais autênticas e próximas da realidade dessas pessoas. Sobre seus escritos, Evaristo (2009) esclarece:

Gosto, entretanto, de enfatizar, não nasci rodeada de livros, do tempo/espço aprendi desde criança a colher palavras. A nossa casa vazia de bens materiais era habitada por palavras. Mamãe contava, minha tia contava, meu tio velhinho contava, os vizinhos e amigos contavam. Tudo era narrado, tudo era motivo de prosa-poesia, afirmo sempre. Entretanto, ainda asseguro que o mundo da leitura, o da palavra escrita, também me foi apresentado no interior de minha família que, embora constituída por pessoas em sua maioria apenas semi-alfabetizadas, todas eram seduzidas pela leitura e pela escrita. Tínhamos sempre em casa livros velhos, revistas, jornais. Lembro-me de nossos serões de leitura. Minha mãe ou minha tia a folhear conosco o material impresso e a traduzir as mensagens. E eu, na medida em que crescia e ganhava a competência da leitura, invertia os papéis, passei a ler para todos. Ali pelos meus onze anos, ganhei uma biblioteca inteira, a pública, quando uma das minhas tias se tornou servente daquela casa-tesouro, na Praça da Liberdade. Fiz dali a minha morada, o lugar onde eu buscava respostas para tudo. Escrevíamos também, bilhetes, anotações familiares, orações (Conceição Evaristo, depoimento no I Colóquio de Escritoras Mineiras, Belo Horizonte, maio de 2009, n. p).

Em seu romance de estreia *Ponciá Vicêncio* (2003), Evaristo traz à tona a representatividade da personagem Ponciá, uma mulher negra que luta contra as adversidades impostas pela sociedade e por sua própria história. Através da narrativa visceral e

profundamente emocional, a autora mergulha na ancestralidade e memória das mulheres negras, proporcionando um retrato poderoso e comovente da experiência feminina negra no Brasil.

Ponciá é uma mulher marcada pelas cicatrizes da escravidão e da violência racial, que se refletem em sua identidade e em suas relações com o mundo ao seu redor. Sua jornada de autoconhecimento e empoderamento é permeada por memórias dolorosas e traumas profundos, que confrontam a sua própria noção de si mesma e de sua história familiar. Através da escrita poética e sensível de Evaristo (2017), somos convidados a adentrar o universo íntimo e complexo de Ponciá, que luta para se reconectar com suas raízes e encontrar seu lugar no mundo.

Nas primeiras vezes que Ponciá Vicêncio sentiu o vazio na cabeça, quando voltou a si, ficou atordoada. O que tinha acontecido? Quanto tempo tinha ficado naquele estado? Tentou relembrar os fatos e não sabia como tudo se dera. Sabia, apenas, que de uma hora para outra, era como se um buraco abrisse em si própria, formando uma grande fenda, dentro e fora dela, um vácuo, com o qual ela se confundia. Mas continuava, entretanto, consciente de tudo ao redor. Via a vida e os outros se fazendo, assistia aos movimentos alheios se dando, mas se perdia, não conseguia saber de si. No princípio, quando o vazio ameaçava encher a sua pessoa, ela ficava possuída pelo medo. Agora gostava da ausência, na qual ela se abrigava, desconhecendo-se, tornando-se alheia de seu próprio eu (Evaristo, 2017, p. 40).

A ancestralidade e memória das mulheres negras são elementos centrais na construção da identidade de Ponciá e na sua jornada de autodescoberta. Através do resgate de suas raízes africanas e da reafirmação de sua própria história, Ponciá encontra a força e a coragem necessárias para enfrentar os desafios e as opressões que permeiam a sua trajetória, construindo assim uma narrativa de resistência e empoderamento.

Em *Becos da Memória* (2006), seu segundo romance que demorou 20 anos para ser publicado, Evaristo (2017, p. 11), afirma: “Nada que está narrado e, “*Becos da Memória*” é de verdade, nada que está narrado e, “*Becos da Memória*” é de mentira. Ali busquei escrever a ficção como se estivesse escrevendo a realidade vivida, a verdade”. Nessa narrativa, a autora apresenta a marca da memória e ancestralidade do povo negro africano em diáspora, e expõe um violento processo de desterritorialização dos moradores de uma favela. Através das vivências e memórias da personagem protagonista Maria-Nova, retrata uma tessitura de vozes-espços marginalizados, Evaristo (2017):

Maria Nova escutou de longe a gargalhada forte de Vó Rita. Queria correr para abraçá-la, mas se lembrou da outra. Não! Vó Rita dormia embolada com ela. Parou, então, com o coração aos pulos. A voz, o som, a música de vó Rita, foram se aproximando. Maria Nova sentiu uma dor e uma alegria intensa. Não

sabia bem porquê, mas todas as histórias lhe vieram à mente: As que Maria Velha contava, as de Tio Totó as de guerra de Tião Tatão, as de Bondade, as silenciosas que ela aprendera a ler nos olhos tristes de Mãe Joana, as que ela testemunhava no dia a dia da favela. Teve a impressão de que tudo e todos caberiam no coração de Vó Rita e não no coração dela. E não era por ela ser uma menina! Não era por isso não! Era porque no coração de Vó Rita tinha espaço para tudo e para todos (Evaristo, 2017, p. 69).

A representação da personagem Vó Rita, mulher negra, idosa e sábia, tem um papel fundamental na comunidade onde vive. Ela é retratada como uma personagem forte e resiliente, que enfrentou inúmeras adversidades ao longo de sua vida, mas que sempre manteve a sua dignidade e sua força interior. Ela é uma figura materna para diversos personagens do livro, sempre pronta a oferecer uma palavra de conforto e um conselho sábio.

A sua representação, reflete não apenas a realidade das mulheres negras e idosas no Brasil, mas também ressalta a importância da transmissão de saberes e experiências entre gerações e desestabiliza as conceituações hierarquizantes, desde o continente africano. Ela é uma guardiã da memória e da história da comunidade, mantendo vivas as tradições e os valores culturais que são essenciais para a sobrevivência do povo negro. Evaristo (2017) evidencia essa representatividade no trecho de *Becos da memória* descrito pela protagonista Maria Nova:

Dormiu. E foi Vó Rita que veio no seu último sono-sonho ali na favela. Vó Rita entrou devagarinho no quarto. De repente. Calada. [...] Abriu a blusa e, através do negro lúcido e transparente da sua pele, via-se lá dentro um coração enorme.
E a cada batida do coração de Vó Rita nasciam os homens.
Todos os homens: negros, brancos, azuis, amarelos, cor-de-rosa, descoloridos...
Do coração enorme, grande de Vó Rita, nascia a humanidade inteira (Evaristo, 2017, p. 183-184).

A representatividade feminina negra é fundamental para ampliar o debate sobre as questões de gênero e raça no Brasil. Em *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2020), Evaristo desafia os estereótipos e preconceitos que permeiam a narrativa hegemônica da história brasileira, dando visibilidade a essas mulheres em um contexto social e político marcado pelo racismo estrutural e pela invisibilidade das vozes negras.

A maternidade é um tema recorrente na escrita de Conceição Evaristo. Em seus textos, ela aborda a maternidade de forma complexa, mostrando as diferentes facetas dessa experiência e os desafios enfrentados pelas mulheres que são mães. Em seus romances, contos e poemas, retrata mães que lutam para criar seus filhos em meio à pobreza, à violência e à discriminação. Essas mulheres são figuras fortes e resilientes, que enfrentam as adversidades com coragem e

determinação. Qual seria o significado da representação materna para a mulher negra na literatura brasileira? Stevens; Vasconcelos (2013) responde a essa indagação:

Percebemos, portanto, que as mães desenhadas nas páginas escritas por mulheres na literatura afro-brasileira são desiguais, diversas e complexas nas suas dores e sentimentos; vivenciam uma realidade socialmente caótica, quase sempre em meio à solidão de gênero e a uma sobrecarga humanamente cruel, mas estão longe de se abater ou resignar-se ao sofrimento. Antes, estão atentas à vida e seus desafios e comportam-se como chefes de seus clãs, liderando, agregando, ensinando, pelo exemplo, que é preciso lutar e seguir. [...] Entre a dor e a alegria de serem mães de seus filhos, não há tempo para desistência. Percorrem as páginas das autoras, mulheres se irmanam, com ou sem doçura, mas sempre numa compreensão profunda do que são, trocando experiência, afeto e proteção [...]. Essas mulheres mães não têm a leveza ou sacralidade das mães construídas pela imaginação masculina; também não se enquadram no modelo sacrificial da mãe cristã, mas não são menos mães, nem menos dignas, nem menos amorosas” (Stevens; Vasconcelos, 2013, p. 85).

Evaristo aborda a maternidade de maneira sensível, mostrando as dores e as alegrias de ser mãe em um mundo marcado pela desigualdade e pela violência. “Os filhos de Duzu foram muitos. Nove. Estavam espalhados pelos morros, pelas zonas e pela cidade. Todos os filhos tiveram filhos. Nunca menos de dois. Dentre os seus netos, três marcavam assento maior em seu coração. Três netos lhe abrandavam os dias” (Evaristo, 2016, p. 34). A autora humaniza essas personagens, mostrando que são muito mais do que simples mães, são mulheres que têm sonhos, desejos e ambições próprias.

Em toda a sua produção literária, as personagens se destacam como formas de resistência e de afirmação da identidade negra no Brasil. Por meio da representatividade e da valorização das experiências das mulheres negras, Evaristo nos convida a refletir sobre as complexidades e contradições de uma sociedade que ainda reproduz formas de violência e discriminação baseadas na cor da pele. Sua escrita estimula a reflexão sobre as desigualdades e injustiças sociais, promovendo um debate necessário e urgente na sociedade contemporânea.

4. AS RELAÇÕES DE PODER E A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER EM *OLHOS D'ÁGUA*

A hierarquização de poder a partir do conceito de raça e a caracterização da discriminação em função da cor da pele são temas fundamentais para compreender as dinâmicas sociais e as desigualdades estruturais que permeiam a sociedade contemporânea. A raça, enquanto construção social e cultural, tem sido utilizada ao longo da história para justificar a exploração e opressão de determinados grupos étnicos, com base em características físicas como a cor da pele. De acordo com Achilli Mbembe (2018) o conceito de raça pode ser compreendido como:

Produto de um maquinário social e técnico indissociável do capitalismo, de sua emergência e globalização, esse termo foi inventado para significar exclusão, embrutecimento e degradação, ou seja, um limite sempre conjurado e abominado. Humilhado e profundamente desonrado, o negro é, na ordem da modernidade, o único de todos os humanos cuja carne foi transformada em coisa e o espírito em mercadoria – a cripta viva do capital (Mbembe, 2018, p. 21).

Com esse entendimento, toda a produção literária da expoente escritora contemporânea Conceição Evaristo propõe de forma contundente refletir as relações de poder, a opressão e a violência presentes na sociedade brasileira. A autora aborda essas questões de maneira sensível e crítica, evidenciando as múltiplas dimensões da opressão sofrida pela população afro-brasileira, em especial as mulheres negras e periféricas. Na contramão do apagamento e silenciamento em que escritores e escritoras negras estiveram ao longo da história em decorrência do racismo, Evaristo (2009) procura, em sua escrita, dá voz e visibilidade à essa população, sobretudo por que:

Tendo sido o corpo negro, durante séculos, violado em sua integridade física, interdito em seu espaço individual e coletivo pelo sistema escravocrata do passado e, ainda hoje, pelos modos de relações raciais que vigoram em nossa sociedade, coube aos brasileiros, descendentes de africanos, inventarem formas de resistência que marcaram profundamente a nação brasileira (Evaristo, 2009, p. 18).

Na coletânea de contos *Olhos D'água* (2014), vencedora do prêmio Jabuti nesta categoria (2015), Evaristo aborda de forma sensível as questões sociais, raciais e de gênero

marcantes na estrutura social do Brasil. Ao longo dos 15 contos que compõem a obra, “[...] quase todos narrados em terceira pessoa; entretanto, percebe-se sempre uma voz narrativa muito próxima aos personagens e com eles irmanada” (Pinto-Bailey, 2021, p. 10). Evaristo prioriza dar voz às mulheres, especialmente as afro-brasileiras, na sua escrita ela trata da opressão sexista, racista e de classe, expondo as diversas formas de violência que as mulheres enfrentam no cotidiano, seja no âmbito doméstico, nas relações afetivas, no trabalho ou na esfera pública. A escritora desvela a violência física, psicológica e simbólica que permeiam as vidas dessas mulheres, revelando as dinâmicas de poder que sustentam a submissão e a marginalização das mesmas. Como bem traz para o debate a Constância de Lima Duarte (2010):

Os contos de Conceição Evaristo parecem trazer a expressão de um novo paradigma. Escrita de dentro (e fora) do espaço marginalizado, a obra é contaminada da angústia coletiva, testemunha a banalização do mal, da morte, a opressão de classe, gênero e etnia, e é porta-voz da esperança de novos tempos (Duarte, 2010, p. 233).

A autora traz em seus textos personagens que denunciam as diversas formas de violência e exclusão que permeiam a realidade de muitos brasileiros. Evaristo (2009, p. 24): “[...] Ao observar a representação de mulheres negras na literatura brasileira, tem-se diversos exemplos que demonstram a visão moldada pelo preconceito na cultura dominante, que se traduzem em obras consagradas no país”. A autora rompe com essa representação e revela, através de suas personagens femininas, as múltiplas facetas da feminilidade, a diversidade de experiências, desafios e resistência que permeiam a vida dessas mulheres. No sexto conto da antologia, “Beijo na face”, através da personagem Salinda, Conceição Evaristo, com toda a sua poesia, apresenta a complexidade do feminino e promove ao leitor um mergulho profundo no universo das suas emoções:

Salinda tombou suavemente o rosto e com as mãos em concha colheu, pela milésima vez, a sensação impregnada do beijo em sua face. Depois, com um gesto lento e cuidadoso, abriu as palmas das mãos, contemplando-as. Sim, lá estava o vestígio do carinho. Algo tão tênue, como os restos de uma asa amarela, de uma borboleta-menina, que foi atropelada nos primeiros instantes de seu inaugural voo (Evaristo, 2016, p. 51).

A autora também denuncia as estruturas patriarcais e racistas que perpetuam a opressão das mulheres, ressaltando a interseccionalidade das violências sofridas por mulheres negras. Evaristo mostra como a violência de gênero se entrelaça com o racismo estrutural, ampliando e agravando as violações dos direitos e da dignidade dessas mulheres. Uma das principais

temáticas abordadas em *Olhos D'água* (2016) é a violência contra a mulher. Evaristo retrata, por meio de seu olhar poético e crítico, as diversas formas de violência sofridas por mulheres negras, evidenciando a vulnerabilidade dessas mulheres frente às opressões estruturais que permeiam suas vidas, expondo as feridas invisíveis provocadas pelo machismo, pelo racismo e pela discriminação social.

Ao utilizar a ficção como ferramenta de denúncia e resistência, Conceição Evaristo constrói narrativas potentes que ecoam as vozes silenciadas e invisibilizadas das mulheres negras. Através de personagens marcantes e histórias impactantes, a autora nos confronta com a dura realidade da violência contra a mulher, convidando-nos a refletir sobre nossos privilégios, preconceitos e responsabilidades na luta por uma sociedade mais justa e igualitária.

Com uma linguagem sutil e poética, marcada pela oralidade, característica que ressalta a proximidade com a cultura afro-brasileira e com a tradição oral dos povos africanos, preservando sua ancestralidade e memória. Como questiona Hampâté Bâ (2010, p. 168): “Não faz a oralidade nascer a escrita, tanto no decorrer dos séculos como no próprio indivíduo?”. A escrita de Evaristo é repleta de metáforas, ritmo e musicalidade, criando um ambiente literário que dialoga com a tradição oral dos contos africanos e com a resistência cultural negra. Como destaca Zumthor (1997):

Ora, a voz é querer dizer e vontade de existência, lugar de uma ausência que, nela, se transforma em presença; ela modula os influxos cósmicos que nos atravessam e capta seus sinais: ressonância infinita que faz cantar toda matéria...como o atestam tantas lendas sobre plantas e pedras enfeitadas que, um dia, foram dóceis (Zumthor, 1997, p. 11).

A autora afro-brasileira, explora a interseccionalidade das opressões vivenciadas pelas mulheres, abordando temas como racismo, sexismo, violência, pobreza e discriminação. Através de suas histórias, Evaristo dá voz às vozes silenciadas e invisibilizadas, colocando em destaque as experiências e perspectivas das mulheres negras, que, muitas vezes, são ignoradas ou marginalizadas. Sua escrita poética e combativa nos convida a olhar para as feridas abertas da sociedade brasileira, a reconhecer as desigualdades estruturais e a nos engajar na construção de um futuro mais inclusivo e empoderador para todas as mulheres.

Em sua escrita, apresenta mulheres fortes, resilientes e lutadoras, que enfrentam as adversidades com coragem e determinação. Suas personagens são retratadas com nuances e profundidade, escapando dos estereótipos e clichês usualmente associados às mulheres negras na literatura. Além disso, a escritora também subverte as narrativas hegemônicas sobre a

feminilidade, questionando os padrões de beleza, comportamento e papel social impostos às mulheres. Suas personagens desafiam as normas e convenções sociais, reivindicando sua autonomia, dignidade e poder de escolha. De acordo com Santos (2011):

Com isto interessa dizer que sim, a literatura tem sobrenomes, e são muitos: homoafetiva, feminina, negra, periférica, oral. Cada um deles engendra um campo de diferenças constantemente silenciadas e caminham na contra mão, pela afirmação da diferença e negação da identidade unívoca uma vez que ela corresponde àquele que se pensa como o neutro, o apaziguador, o não-marcado que, ao fim e ao cabo, nada mais é que uma simulação de presença pura, igual a si mesmo que só admite ladear-se de outros objetos narcisicamente interiorizados, literaturas sem marcas, sem sobrenomes, mas com nomes próprios potentes o suficiente para solapar qualquer diferença (Santos, 2011, p. 5-6).

Conceição Evaristo resgata a história, a cultura e a ancestralidade das mulheres negras, valorizando suas trajetórias de resistência e superação. Suas personagens são agentes ativos de transformação e protagonistas de suas próprias narrativas, rompendo com a passividade e a submissão costumeiramente atribuídas às mulheres em muitas obras literárias. Dessa forma, a representação feminina na antologia de contos *Olhos D'água (2016)* é marcada por uma profunda humanidade, sensibilidade e empatia, que nos convida a reconhecer a diversidade e a complexidade das experiências das mulheres negras, ampliando nosso entendimento sobre os desafios e conquistas dessas mulheres em uma sociedade marcada pela desigualdade e pela violência.

Através da ficção, Conceição Evaristo apresenta narrativas potentes que evidenciam a realidade das mulheres negras no Brasil, desnaturalizando a violência de gênero e revelando as cicatrizes emocionais deixadas por essas experiências traumáticas. A autora utiliza a literatura como forma de resistência e de denúncia, provocando a reflexão do leitor e instigando-o a questionar as estruturas de poder que perpetuam a violência contra as mulheres.

4.1 Representações de poder e manifestações da violência contra a mulher nos contos: “Ana Davenga”, “Duzu-Querença” e “Maria”.

A produção literária de Conceição Evaristo é marcada por uma profunda reflexão sobre as relações de poder e as opressões que permeiam a sociedade brasileira. Na antologia de contos *Olhos D'água (2016)* Evaristo denuncia a forma como os homens e as mulheres negras são

subjugadas e marginalizadas, em uma sociedade que os coloca em posição de inferioridade, relegando-os a papéis de servidão e subordinação. Além disso, a escritora também discute as questões de classe e violência, mostrando como a pobreza e a precariedade das condições de vida afetam de maneira desproporcional a população afrodescendente moradoras das periferias brasileiras.

Em *Olhos D'água* (2016) Evaristo apresenta o espaço geográfico como algo além de um cenário onde a vida humana se desenvolve. Ele é um reflexo das relações de poder e opressão que permeiam a sociedade, traduzindo uma realidade dura, caracterizada por uma marginalização socioeconômica e política. Yi-Fu Tuan (2012, p. 11) afirma que: “[...] o lugar é segurança e o espaço é liberdade: estamos ligados ao primeiro e desejamos o outro”. Ao representar seus personagens: homens, mulheres, crianças, jovens, idosos que são vítimas de uma opressão imposta ao povo negro, marcado pelas muitas formas de violência cotidiana que aflige as comunidades periféricas brasileiras, Evaristo usa o espaço geográfico periférico como pano de fundo para as histórias de vida das personagens.

Yi-Fu Tuan (2012, p. 49), ao referir-se ao corpo, argumenta que ele é também: “[...] um espaço ocupando outro espaço”. Neste sentido, o corpo é perpassado pelos acontecimentos sociais que marcam a luta pela sobrevivência diária. Evaristo, em sua literatura, descreve o corpo humano como um espaço de opressão, violência e controle, refletindo a complexa interação entre poder, gênero, raça e classe na sociedade contemporânea. Em *Olhos D'água* (2016) a escritora busca explorar como o corpo é frequentemente utilizado como um instrumento para exercer poder e controle sobre os indivíduos, e as formas de resistência e luta que surgem em resposta a essas formas de opressão. Mondardo, ao analisar a obra *Espaço e política* (2008), de Henri Lefebvre (2010), afirma:

[...] para o autor, o espaço tornou-se instrumental. Lugar e meio onde se desenvolvem estratégias, onde elas se enfrentam, o espaço deixou de ser neutro, geográfica e geometricamente, há muito tempo. Logo, o espaço não é neutro e nem inofensivo; pelo contrário, está – como considera Lefebvre – sendo cada vez mais instrumentalizado, ganhando novas formas, conteúdos e significados para se tornar estratégico, dotado de intencionalidades para ser utilizado como meio para se atingir a “dominação”. O espaço produzido é, portanto, o espaço projetado (Mondardo, 2010, p. 196).

A opressão do corpo pode se manifestar de diversas maneiras. Um dos exemplos mais evidentes é a violência física, que pode ocorrer tanto em contextos privados quanto públicos. O corpo, especialmente o corpo feminino, é frequentemente alvo de violência doméstica, estupro

e agressões físicas, psicológica e simbólica. Nesses casos, o corpo é utilizado como um meio de subjugar e controlar a vítima, impondo-lhe dor e sofrimento. O corpo também pode ser objeto de controle através de normas sociais e culturais, reforçando a ideia de que alguns corpos são mais "adequados" do que outros, perpetuando assim a discriminação e a marginalização de certos grupos.

Das quinze narrativas que compõem a antologia de contos *Olhos D'água* (2016), selecionamos os contos “Ana Davenga”, “Duzu-Querença” e “Maria” para serem analisados com maior atenção, destacando as relações de poder que determinadas instituições exercem sobre as protagonistas. Nessa narrativa, Conceição Evaristo utiliza-se do espaço-corpo de personagens fictícias que retratam tantas outras espalhadas por todo o Brasil, que são atravessadas cotidianamente por múltiplas formas de violências. As mulheres representadas na obra são mulheres fortes, que vivem as dores e os amores de ser mulher, pobre e negra em um cenário marcado e cercado pela violência, trazendo à luz histórias a tanto tempo relegadas à escuridão e ao silenciamento. Como bem nos traz Regina Dalcastagnè (2008):

Personagens negras, assim, talvez ajudem leitores brancos a entender melhor o que é ser negro no Brasil – e o que significa ser branco em uma sociedade racista. Além disso, como apontou Nancy Fraser, a injustiça social possui duas facetas (ainda que estreitamente ligadas), uma econômica e outra cultural. Isto significa que a luta contra a injustiça inclui tanto a reivindicação pela redistribuição da riqueza como pelo reconhecimento das múltiplas expressões culturais dos grupos subalternos: o reconhecimento do valor da experiência e da manifestação desta experiência por negros, trabalhadores, mulheres, índios, gays, deficientes. A literatura é um espaço privilegiado para tal manifestação, pela legitimidade social que ela ainda retém. Ao ingressarem nela, os grupos subalternos também estão exigindo o reconhecimento do valor de sua experiência na sociedade (Dalcastagnè, 2008, p. 108).

“Ana Davenga” é o segundo conto da coletânea de contos “*Olhos D'água*” (2016). A personagem fictícia Ana é representada como uma mulher negra deslumbrante, que certo dia conheceu Davenga em uma roda de samba. Eles se apaixonam e sem fazer questionamentos, “Desde aquele dia, Ana ficou para sempre no barraco e na vida de Davenga” (Evaristo, 2016, p. 26). Davenga é representado como um homem perverso e impiedoso, “Tinha um coração de Deus, mas, invocado, era o próprio diabo” (Evaristo, 2016, p. 22). Ele é chefe de um grupo criminoso e o seu barraco, o quartel-general. Era perigoso ter uma mulher naquele espaço criminoso, mas Davenga mantinha tudo sob controle, inclusive o silêncio e as ações da amada, como é demonstrado no trecho abaixo, (Evaristo, 2016):

Ali era decidido tudo. No princípio, os companheiros de Davenga olharam Ana com ciúme, cobiça e desconfiança. O homem morava sozinho. Ali armava e confabulava com os outros todas as proezas. E de repente, sem consultar os companheiros, mete ali dentro uma mulher. Pensaram em escolher outro chefe e outro local para quartel-general, mas não tiveram coragem. Depois de certo tempo, Davenga comunicou a todos que aquela mulher ficaria com ele e nada mudaria. Ela era cega, surda e muda no que se referia a assuntos deles (Evaristo, 2016, p. 22).

Na narrativa, Davenga é um traficante temido e aparentemente insensível. O criminoso sempre aparece em sinal de alerta e até nos momentos de descontração com os companheiros, ele é rude. “Ele até brincava; porém, só com os companheiros. Assim mesmo de uma brincadeira bruta. Socos, pontapés, safanões, tapas. [...] Mais parecia briga” (Evaristo, 2016, p. 23). No entanto, o homem se derrama em choro ao fazer sexo com Ana, sua companheira, na sua intimidade, demonstrava a sua humanidade e fragilidade:

Um pouco que ela saía para buscar roupas no varal ou falar um tantinho com as amigas, quando voltava dava com ele, deitado na cama. Nuzinho. Bonito o Davenga vestido com a pele que Deus lhe deu. Uma pele negra, esticada, lisinha, brilhosa. Ela mal fechava a porta e se abria todinha para seu homem. Davenga! Davenga! E aí acontecia o que ela não entendia. Davenga que era tão grande, tão forte, mas tão menino, tinha o prazer banhado em lágrimas. Chorava feito criança. Soluçava, umedecia ela toda. Seu rosto, seu corpo, ficavam úmidos das lágrimas de Davenga (Evaristo, 2016, p. 23).

Ana vivia constantemente aflita “O peito [...] doía de temor” (Evaristo, 2016, p. 22), vivia imersa na violência, não se sentia segura em sua casa e temia perder o companheiro a qualquer momento. Estava sempre em estado de atenção, atenta aos movimentos da favela. “Ana sabia bem qual era a atividade de seu homem. Sabia dos riscos que corria ao lado dele” (Evaristo, 2016, p. 26). Certa noite, enquanto aguardava o retorno do companheiro, foi surpreendida com uma festa de aniversário, a primeira dos seus 27 anos. Os comparsas de Davenga, suas mulheres e crianças, todos adentraram o seu pequeno barraco, faltava Davenga: “Por mais que Ana se esforçasse, não conseguia atinar com o porquê da ausência de seu homem” (Evaristo, 2016, p. 28). Aflita, se perguntava onde estaria Davenga? O que havia acontecido? Em meio a tensão, ela pensava em como seria o futuro:

Ana Davenga alisou a barriga. Lá dentro estava a sua, bem pequena, bem sonho ainda. As crianças, havia umas que de longe ou às vezes de perto, acompanhavam as façanhas dos pais. Algumas seguiam pelas mesmas trilhas. Outras, quem sabe, traçariam caminhos diferentes. E o filho dela com Davenga, que caminho faria? Ah, isto pertence ao futuro. Só que o futuro ali

chegava rápido. O tempo de crescer era breve. O de matar ou morrer chegava breve, também. E o filho dela e de Davenga? (Evaristo, 2016, p. 28-29).

De repente, “Davenga entra furando o círculo. Alegre, zambeiro, cabeça-sonho, nuvens. Abraça a mulher. No abraço, além do corpo de Davenga, ela sentiu a pressão da arma” (Evaristo, 2016, p. 29). O barraco estava em festa, Ana estava feliz em sua festa primeira de aniversário. Todos se divertiam e bebiam comemorando a sua vida. Quando chegou a madrugada, Davenga mandou todos embora, mas orientou os companheiros para que ficassem alertas, eram tempos de guerra na favela.

Em meio a todos esses acontecimentos, chega o momento crucial na narrativa. Os policiais cercam e invadem o barraco, surpreendendo Davenga sem lhe dar a chance de defesa. Em uma cena forte, a autora leva o leitor a vivenciar a experiência de tantas pessoas que habitam esses espaços de marginalização e violência urbana, como aponta (Evaristo 2016) no excerto a seguir:

[...] Já estavam para explodir um no outro, quando a porta abriu violentamente e dois policiais entraram de armas em punho. Mandaram que Davenga se vestisse rápido e não bancasse o engraçadinho, porque o barraco estava cercado. Outro policial do lado de fora empurrou a janela de madeira. Uma metralhadora apontou para dentro de casa, bem na direção da cama, na mira de Ana Davenga. Ela se encolheu levando a mão na barriga, protegendo o filho, pequena semente, quase sonho ainda. Davenga vestiu a calça lentamente. Ele sabia estar vencido. E agora o que valia a vida? O que valia a morte? [...] De cabeça baixa, sem encarar os dois policiais a sua frente, Davenga pegou a camisa e desse gesto se ouviram muitos tiros. Os noticiários depois lamentavam a morte de um dos policiais de serviço. Na favela, os companheiros de Davenga choravam a morte do chefe e de Ana (Evaristo, 2016, p. 30).

Os policiais atiram em Davenga e Ana, que está grávida: corpos desvalorizados desde o ventre: “[...] Ana, que morrera ali na cama, metralhada, protegendo com as mãos um sonho de vida que ela trazia na barriga” (Evaristo, 2016, p. 30). A polícia que está para defender e proteger usa do poder para matar, sem dar alternativa de um julgamento ou outros meios legais de defesa. De acordo com França (2014, p. 109): “[...] acredita-se a violência policial como um excesso de poder”, se tornando um problema grave e alarmante. Muitas vezes, a força policial, que deveria ser usada para proteger e manter a ordem, acaba sendo empregada de forma abusiva e desproporcional, resultando em agressões físicas, mortes e violações dos direitos humanos.

Esses abusos de poder são frequentemente direcionados para grupos marginalizados, como negros, indígenas, pobres e minorias étnicas, que são alvos fáceis da ação policial. A discriminação e o preconceito contribuem para a perpetuação desse cenário de violência,

frequentemente justificado sob o pretexto de combater o crime e manter a segurança pública. Em sua literatura Conceição Evaristo faz uso do espaço literário para construir e validar representações do mundo social, sendo a literatura um dos terrenos em que são reproduzidas e perpetuadas determinadas representações sociais, camufladas nas estruturas de poder instituídas. Nas palavras de (Dalcastagnè, 2007):

Ao manusear as representações sociais, o autor pode, de forma esquemática: (a) incorporar essas representações, reproduzindo-as de maneira acrítica; (b) descrever essas representações, com o intuito de evidenciar seu caráter social, ou seja, de construção; (c) colocar essas representações em choque diante de nossos olhos, exigindo o nosso posicionamento – mostrando que nossa adesão, ou nossa recusa, que nossa reação diante dessas representações nos implica, uma vez que fala sobre o modo como vemos o mundo, e nos vemos nele, sobre como se dá nossa intervenção na realidade, e as conseqüências de nossos atos (Dalcastagnè, 2007, p. 19).

A representação da personagem Duzu no conto "Duzu-Querença", terceira narrativa da coletânea de contos *Olhos D'água* (2016) é marcada por uma série de violências e opressões que permeiam toda a sua vida-existência. A protagonista é apresentada ao leitor como uma mulher negra, idosa, pobre e marginalizada, que desde a infância é submetida a diferentes formas de violência física, psicológica e simbólica. Na cena inicial da narrativa, Duzu, uma velha mendiga, está na frente de uma igreja, espaço público, frequentado por pessoas boas e distintas, no entanto, a idosa é desprezada como aponta Evaristo (2016):

Duzu lambeu os dedos gordurosos de comida, aproveitando os últimos bagos de arroz que tinham ficado presos debaixo de suas unhas sujas. Um homem passou e olhou para a mendiga, com uma expressão de asco. Ela lhe devolveu um olhar de zombaria. O homem apressou o passo, que ela se levantasse e viesse lhe atrapalhar o caminho (Evaristo, 2016, p. 31).

Conforme o excerto supracitado, a narrativa se desenvolve em um espaço urbano precário e marginalizado, onde Duzu vive em condições de extrema vulnerabilidade, cercada por um contexto de desigualdade social e racial que contribui para a perpetuação das violências que ela sofre ao longo do conto. A personagem é apresentada como uma figura solitária, que luta diariamente para sobreviver em um ambiente hostil e desumano. Faminta, “Duzu olhou no fundo da lata, encontrando apenas o espaço vazio” (Evaristo, 2016, p. 31). Ao representar a condição de mendicância da protagonista, Evaristo sinaliza para uma realidade das grandes cidades brasileiras, onde muitas pessoas vivem essa mesma condição, de exclusão e abandono.

Desde a infância, Duzu é vítima de abusos: “Quando chegou pela primeira vez à cidade, [...] era bem pequena” (Evaristo, 2016, p. 32). Vinha de longe, Duzu e seus pais, em uma viagem de dias, eles traziam consigo a esperança de que na cidade tivessem a oportunidade de recomeçar, de viver dias melhores: “O pai de Duzu tinha nos atos a marca na esperança. De pescador que era, sonhava um ofício novo” (Evaristo, 2016, p. 32). Seu pai almejava dar outra vida à filha, sonhava para a filha uma vida diferente, sem tanto sofrimento. Como descreve Evaristo (2016):

Na cidade havia senhoras que empregavam meninas. Ela podia trabalhar e estudar. Duzu era caprichosa e tinha cabeça para leitura. Um dia sua filha seria pessoa de muito saber. E a menina tinha sorte. Já vinha no rumo certo. Uma senhora que havia arrumado trabalho para a filha de Zé Nogueira ia encontrar com eles na capital (Evaristo, 2016, p. 32).

Após ser entregue pelo seu pai, Duzu foi morar na casa da tal senhora e nunca mais voltaria a encontrá-los. Essa primeira ação é determinante para o desfecho da vida da menina. Duzu ainda menina passou a trabalhar, desenvolvendo as atividades domésticas da casa, era uma casa grande, com muitos quartos: “Duzu ficou na casa da tal senhora durante muitos anos” (Evaristo, 2016, p. 32). A promessa de colocá-la para estudar nunca foi cumprida, ela nunca estudou e nunca aprendeu a ler, apenas trabalhava, o que contribuiu para que a menina Duzu conhecesse a prostituição. De acordo com Evaristo (2016):

Duzu trabalhava muito. Ajudava na lavagem e na passagem da roupa. Era ela também quem fazia a limpeza dos quartos. A senhora tinha explicado a Duzu que batesse nas portas sempre. Batesse forte e esperasse o pode entrar. Um dia Duzu esqueceu e foi entrando. A moça do quarto estava dormindo. Em cima dela dormia um homem. Duzu ficou confusa: por que aquele homem dormia em cima da moça? Saiu devagar, mas antes ficou olhando um pouco os dois. Estava engraçado. Estava bonito. Estava bom de olhar. Então resolveu que nem sempre ia bater nas portas dos quartos. [...] E foi no entrar-entrando que Duzu viu várias vezes homens dormindo em cima das mulheres. Homens acordados em cima das mulheres. Homens mexendo em cima das mulheres. Homens trocando de lugar com as mulheres. [...] Houve até aquele quarto em que o homem lhe fez um carinho no rosto e foi abaixando a mão lentamente... A moça mandou que ele parasse. Não estava vendo que ela era uma menina? [...] Passados alguns dias voltou a entrar de supetão. Era ele. Era o homem que lhe havia feito um carinho e lhe dado um dinheiro. Era ele que estava lá. Estavam os dois nuzinhos. Ele em cima, parecendo dentro da mulher. Duzu ficou olhando tudo. Teve um momento em que o homem chamou por ela. Vagarosamente ela foi se aproximando. Ele, em cima da mulher, com uma das mãos fazia carinho no rosto e nos seios da menina (Evaristo, 2016, p. 32-33).

Duzu, ainda criança, teve o seu espaço-corpo de menina invadido, violado, ela não compreendia o que acontecia naquele quarto: “Duzu tinha gosto e medo. Era estranho, mas era bom. [...] voltava sempre. Vinha num entrar-entrando cheio de medo, desejo e desespero” (Evaristo, 2016, p. 33). Aquelas seriam as primeiras vezes de muitas que o seu corpo encontraria a violência. A menina Duzu foi estuprada como descreve Evaristo (2016):

Um dia o homem estava deitado nu e sozinho. Pegou a menina e jogou na cama. Duzu não sabia ainda o ritmo do corpo, mas, rápida e instintivamente, aprendeu a dançar. [...] Duzu naquele momento entendeu o porquê do homem lhe dar dinheiro. Entendeu o porquê de tantas mulheres e de quartos ali. Entendeu o porquê de nunca mais ter conseguido ver a sua mãe e o seu pai, e de nunca D. Esmeraldina ter cumprido a promessa de deixá-la estudar. E entendeu também qual seria a sua vida (Evaristo, 2016, p. 32-33).

Ao descobrir que a menina Duzu estava se deitando com homens que frequentavam a casa, dona Esmeraldina lhe deu um quarto onde Duzu recebia os homens. Os afazeres domésticos evoluíram para a prostituição e a comercialização do seu corpo pueril. O abuso sexual infantil se configura como estupro de vulnerável, provocando nas vítimas “[...] sérias consequências para o desenvolvimento social, afetivo e cognitivo das vítimas e de suas famílias, a violência acarreta dano psicológico que pode perdurar por toda vida (Marafiga; Falcke, 2020, p. 91). Duzu morou muitos anos naquela casa, fez fama e ganhou muito dinheiro. Habitou-se com a violência que passou a fazer parte da sua nova vida. Demonstrada no fragmento apresentado abaixo (Evaristo 2016):

Duzu morou ali muitos anos e de lá partiu para outras zonas. Acostumou-se aos gritos das mulheres apanhando dos homens, ao sangue das mulheres assassinadas. Acostumou-se às pancadas dos cafetões, aos mandos e desmandos das cafetinas. Habitou-se à morte como uma forma de vida (Evaristo, 2016, p. 34).

Duzu tornou-se mulher adulta, forjada em um contexto de abandono e de abusos físicos e sexuais, sendo constantemente violentada por homens que se aproveitam da sua vulnerabilidade e insegurança. Todas as manifestações de violências que se tornaram contínuas na vida-existência da protagonista, revelam as formas cruéis e perversas com que a sociedade trata as mulheres negras e marginalizadas: “Os filhos de Duzu foram muitos. Nove. Estavam espalhados pelos morros, pelas zonas e pela cidade” (Evaristo, 2016, p. 34). Nascidos da violência, crescendo em espaços hostis, segregados na sociedade, os filhos e os netos de Duzu conhecem a violência como única forma de vida.

Duzu carrega no seu velho corpo e na alma as marcas da violência vivida. Dos seus, três netos lhe aquecem o coração e abrandam as dores: “Angélico, que chorava porque não gostava de ser homem”; Tático, “que não queria ser nada”; e menina Querença, “que retomava sonhos e desejos de tantos outros que já tinham ido...” (Evaristo, 2016, p. 34). Todos herdaram da avó o único espaço que ela conhecia, um espaço marginalizado e violento que atravessa os corpos e as suas vidas. Como nos apresenta Evaristo (2016):

Duzu entrou em desespero no dia em que soube da morte de Tático. Ele havia sido apanhado de surpresa por um grupo inimigo. Era tão novo! Treze anos. Tinha ainda voz e jeito de menino. Quando ele vinha estar com ela, passava às vezes a noite ali. Disfarçava. Pedia a benção. Ela sabia, porém, que ele possuía uma arma e que a cor vermelho-sangue já se derramava em sua vida (Evaristo, 2016, p. 34-35).

A violenta morte de Tático trouxe para Duzu mais uma dor, que se juntou a tantas outras que ela traz em sua memória e em seu corpo. Desde a tenra idade, Duzu foi exposta a um ambiente hostil, desfavorável e violento. Sofreu com o abandono dos pais, cresceu em meio a violência sexual, sendo vítima de violência física e psicológica, sem acesso à educação e oportunidades. A personagem teve que se virar como pôde para sobreviver, tornando-se prostituta. Agora, na velhice, torna-se uma mendiga que vive seus últimos dias em um estado de delírio, lembrando os sonhos não realizados e as memórias de uma vida de privações e sofrimento. Retratada no fragmento abaixo, Evaristo (2016):

Ficava ali, amuada, diante da porta da igreja. Olhava os santos lá dentro, os homens cá fora, sem obter consolo algum. Era preciso descobrir uma forma de ludibriar a dor. [...] Resolveu voltar ao morro. Lá onde durante anos e anos, depois que ela havia deixado a zona, fora morar com os filhos. Foi retornando ali que Duzu deu de brincar de faz de conta. E foi aprofundando nas raízes do delírio que ela se agarrou para viver o tempo de seus últimos dias (Evaristo, 2016, p. 35).

Os sonhos que nunca puderam se concretizar, são agora vividos em seus devaneios, como uma forma de escapar da realidade cruel em que sempre esteve inserida: “Ela [...] se sentia como um pássaro que ia por cima de tudo e de todos. Sobrevoava o morro, o mar, a cidade. As pernas doíam, mas possuía asas para voar” (Evaristo, 2016, p. 35). Embora Duzu tenha passado por tantas adversidades ao longo de sua vida, é nos seus momentos de delírio que ela encontra um certo conforto e alívio. Através da imaginação, Duzu consegue recriar uma

realidade paralela, onde os sonhos são possíveis e as dores do passado podem ser esquecidas, mesmo que por breves instantes.

Duzu voava no alto do morro. Voava quando perambulava pela cidade. Voava quando estava ali sentada à porta da igreja. Duzu estava feliz. Havia se agarrado aos delírios, entorpecendo a dor. [...] ela ganhara asas e assim viajava, voava, distanciando-se o mais possível do real. Estava chegando uma época em que o sofrer era proibido. Mesmo com toda a dignidade ultrajada, mesmo que matassem os seus, mesmo com a fome cantando no estômago de todos, com o frio rachando a pele de muitos, com a doença comendo o corpo, com o desespero diante daquele viver-morrer, por maior que fosse a dor, era proibido sofrer. Ela gostava deste tempo. Alegrava-se tanto! Era o carnaval (Evaristo, 2016, p. 35).

Duzu-Querença tem um sonho: ela queria apenas uma fantasia de carnaval e sair na ala das baianas da escola de samba. O histórico de violência, perdas e dor, agora são a motivação que levam Duzu a viver no imaginário e acreditar que a vida poderia ser diferente, pois mesmo em sua morte: “deslizava em visões e sonhos por um misterioso e eterno caminho” [...] Levantou voo e aterrorizou. E foi escorregando brandamente em seus famintos sonhos que Duzu visualizou seguros plantios e fartas colheitas” (Evaristo, 2016, p. 36). Para sua neta Querença, a alucinação dos últimos momentos de vida da avó, “haveria de sempre umedecer seus sonhos para que eles florescessem e se cumprissem vivos e reais. Era preciso reinventar a vida, encontrar novos caminhos” Evaristo, 2016, p. 36-37). Duzu plantou no coração da menina Querença a esperança:

Querença olhou novamente o corpo magro e a fantasia da avó. Desviou o olhar e entre as lágrimas contemplou a rua. O sol passado de meio-dia estava colado no alto do céu. Raios de luz agrediam o asfalto. Mistérios coloridos, cacos de vidro – lixo talvez – brilhavam no chão (Evaristo, 2016, p. 37).

Sonhos, deslocamento, frustração, filhos, netos, alegria, sofrimento e violência se mesclam na representação de Duzu, uma menina-mulher que tem seus sonhos abortados pelas condições sociais, torna-se prostituta, envelhece e não tem tempo de realizar seu sonho de vestir uma fantasia de carnaval e desfilar pela escola. Ao retratar a realidade de Duzu-Querença, Conceição Evaristo nos convida a refletir sobre a importância da empatia e do cuidado com os mais vulneráveis em nossa sociedade. A narrativa evidencia as diversas formas de opressão e discriminação que permeiam a existência da protagonista, revelando a urgência de se combater as estruturas de poder que perpetuam a desigualdade social, a violência, a marginalização e exclusão das mulheres negras na sociedade.

A escrita de Conceição Evaristo é uma grande galeria de personagens que se confundem com a realidade de contextos sociais vulneráveis: “[...] De cada um deles temos um vislumbre de vida” (Dalcastagnè, 2007, p. 24). A tensão presente em seus textos proporciona ao leitor uma experiência que se assemelha com a realidade da contemporaneidade, trazendo à tona questões sociais, políticas e culturais que permeiam o cotidiano de muitas pessoas. A autora, em sua ficção, baseia suas histórias em experiências reais e vivências de personagens femininas negras. (Ferreira, 2021) vem dizer que:

Em *Olhos d’água*, Conceição apresenta uma heterogeneidade de personagens femininas que retratam experiências de silenciamentos, violências e abusos em vivências negras que transpassam a história. Assim, as personagens apontam, dos mais diversos ângulos e, de seu lugar de fala, denunciam o cotidiano das mulheres afro-brasileiras marginalizadas, não mais como um mero objeto temático nos livros, mas como “enunciadoras” de suas próprias realidades (Ferreira, 2021, p. 254).

No quarto conto da obra *Olhos D’água* (2016), intitulado “Maria”, nome da personagem protagonista. Maria é apresentada como uma empregada doméstica, como tantas mulheres brasileiras, ela é retratada com a sutileza e a poeticidade característica da escrita Evaristiana. Tais personagens têm a função de representar a vida. Maria na ficção vivencia em seu cotidiano de mulher negra, mãe e trabalhadora diversas formas de violência, manifestações que espelham a realidade.

A autora em entrevista concedida a Constância Lima Duarte em 04 de maio de 2022, quando perguntada: “[...] sobre os traços mais evidentes da sua literatura, gosto de destacar a denúncia do racismo e do machismo, e, principalmente o protagonismo de pessoas das classes subalternizadas. O que acrescentaria ainda a esses elementos?” Evaristo responde:

Eu acrescentaria que esse texto, sem sombra de dúvida, está sedimentado por um aspecto que normalmente levantam no texto e que conscientemente elaboro. Eu quero levar uma mulher negra para o centro da cena, quero levar um homem negro, Eu quero apresentar a voz dos subalternizados, que é a minha voz. Alguém há pouco tempo me disse: “Você dá voz aos subalternizados” ou “Você dá voz às mulheres negras”. Eu não dou voz nem aos subalternizados, nem às mulheres negras. Eu falo como tal. Essa é a minha voz. A voz de mulher subalternizada é a minha voz de mulher negra. [...] Compor uma personagem negra, para além dos lugares comuns elaborados para ela – a pobreza, a subalternidade – é um grande desejo de minha escrita. Trazer personagens, com as suas experiências humanas, de dúvidas existenciais, sentimentos que qualquer pessoa pode ter, independentemente da cor da pele, de ser rico, de ser pobre, de ser homem, de ser mulher, de ser

hétero, de ser homo.... Personagens que, experimentando essa condição, possam convocar quem lê (Duarte, 2022, p. 77).

No conto “Maria”, acompanhamos a história de Maria, uma mulher negra e empregada doméstica que trabalha na casa de uma família branca e privilegiada. A história de Maria nos permite entrar em contato com as dificuldades e humilhações que ela enfrenta diariamente, sendo submetida a um regime de trabalho exaustivo e a uma relação de subalternidade em relação à sua patroa.

Já no início da narrativa, Maria aparece cansada, como constata-se no fragmento (Evaristo, 2016, p. 39): “Maria estava parada a mais de meia hora no ponto de ônibus. Estava cansada de esperar. Se a distância fosse menor, teria ido a pé. [...] Além do cansaço a sacola estava pesada”. Outro aspecto relevante, é que essas trabalhadoras precisam fazer significativos deslocamentos para chegar ao local de trabalho, o que se configura como outra dificuldade, uma vez que a oferta de transporte público é precária nas grandes cidades brasileiras.

Ao abordar a vida de uma empregada doméstica, Conceição Evaristo nos faz refletir sobre as estruturas de poder e as desigualdades sociais que permeiam essa relação de trabalho. Maria é obrigada a suportar as humilhações de sua patroa, que a trata com desprezo e superioridade. Essa dinâmica evidencia não apenas a exploração econômica na qual as empregadas domésticas estão inseridas, mas também a violência simbólica e psicológica que permeia esse ambiente de trabalho. no excerto abaixo é possível perceber como se estabelece essa relação, entre a patroa e maria (Evaristo, 2016, p.39):

No dia anterior, no domingo, havia tido festa na casa da patroa. Ela levava para casa os restos. O osso do pernil e as frutas que tinham enfeitado a mesa. Ganhara as frutas e uma gorjeta. O osso, a patroa ia jogar fora. Estava feliz apesar do cansaço. [...] A palma de uma de suas mãos doía. Tinha sofrido um corte, bem no meio, enquanto cortava o pernil para a patroa. [...] Faca a laser corta até a vida! (Evaristo, 2016, p. 39-40).

Ao dar visibilidade a Maria, Conceição Evaristo subverte as narrativas hegemônicas que silenciam as empregadas domésticas e as relegam a uma posição de invisibilidade e inferioridade. A escritora Djamilia Ribeiro (2019, p. 83) destaca que “[...] pensar lugar de fala é uma postura ética, pois ‘saber o lugar de onde falamos é fundamental para pensarmos as hierarquias, as questões de desigualdade, racismo e sexismo’”. Através da escrita potente e sensível de Evaristo, somos confrontados com a realidade dessas mulheres que, apesar de toda a opressão, resistem e buscam sua dignidade e autonomia.

Quando o ônibus chegou, Maria recolheu pesada sacola, ela sentiu um alívio ao perceber que o transporte não estava completamente cheio, havia lugares. “Ela poderia descansar um pouco, cochilar até a hora da descida” (Evaristo, 2016, p. 40). No entanto, logo percebeu a presença de um homem conhecido, era o mesmo por quem dedicara amor e com quem tivera o primeiro filho. Sentiu saudades de quando estavam juntos, havia tempo que ele abandonara ela e o filho. “O homem sentou-se a seu lado. [...] E o menino Maria? Como vai o menino? cochichou o homem” (Evaristo, 2016, p. 40). Sussurrando o homem confessou que sentia falta, que não tinha ninguém. Maria sentiu-se culpada, tinha outros dois filhos embora também estivesse sozinha.

A narrativa encaminha-se para o seu clímax quando o homem se levanta rápido e saca uma arma de fogo, um comparsa que estava mais atrás grita alto anunciando um assalto. “Maria estava com medo. Não dos assaltantes. Não da morte. Sim da vida” (Evaristo, 2016, p. 41). Pensou nos filhos, o mais velho, filho daquele assaltante com arma em punho. Enquanto os ladrões recolhiam todos os pertences dos passageiros, o ônibus seguia viagem. “O medo da vida em Maria ia aumentando. Meu Deus, como seria a vida dos seus filhos? Era a primeira vez que ela via um assalto no ônibus. Imaginava o terror das pessoas” (Evaristo, 2016, p. 41). Os criminosos desceram rapidamente do ônibus sem abordar Maria. Isso foi o suficiente para que os passageiros a julgassem cúmplice como descreve (Evaristo, 2016, p. 41):

Foi quando uma voz acordou a coragem dos demais. Alguém gritou que aquela puta safada lá da frente conhecia os assaltantes. Maria se assustou. [...] Ouvii uma voz: *Negra safada, vai ver que estava de coleio com os dois.* Outra voz vinda lá do fundo do ônibus acrescentou: *Calma gente! Se ela estivesse junto com eles, teria descido também.* Alguém argumentou que ela não tinha descido só para disfarçar. estava mesmo com os ladrões. Foi a única a não ser assaltada (Evaristo, 2016, p. 41-42).

A narrativa se encaminha para um desfecho trágico, representado pela autora como uma cena brutal de violência. Maria tenta argumentar: “*Mentira, eu não fui e não sei por quê?*” (Evaristo, 2016, p. 42). Maria estava com muito medo, aquelas pessoas enfurecidas não ouviam o que ela falava. “A mulher teve medo e raiva. que merda! Não conhecia assaltante algum. Não devia satisfação a ninguém” (Evaristo, 2016, p. 42). nada que Maria falasse acalmaria os ânimos ou abrandava a revolta daquele povo. é o que observa-se na descrição da cena seguinte (Evaristo, 20116):

Olha só, a negra ainda é atrevida, disse o homem, lascando um tapa no rosto da mulher. Alguém gritou: *Lincha! Lincha! Lincha!...* Uns passageiros desceram e outros voaram em direção à Maria. [...] *Lincha! Lincha! Lincha!*

Maria punha sangue pela boca, pelo nariz e pelos ouvidos. [...] Quando o ônibus esvaziou, quando chegou a polícia, o corpo da mulher estava todo dilacerado, todo pisoteado (Evaristo, 2016, p. 42).

A trágica morte de "Maria", nos leva a refletir sobre a realidade cruel e violenta da sociedade contemporânea, em especial a violência urbana que ceifou a vida da personagem através de um linchamento. A morte violenta de pessoas negras é algo preocupante na sociedade atual, reflexo do racismo estrutural, da violência urbana cada vez mais evidente e das desigualdades sociais que destina uma grande parcela da sociedade à marginalização. Maria só desejava chegar em casa, cuidar da saúde e alimentação dos seus filhos. O que será dos seus filhos! “Maria queria tanto dizer ao filho que o pai havia mandado um abraço, um beijo, um carinho” (Evaristo, 2016, p. 42). Maria não teve como transmitir a mensagem.

Em *Olhos D'água* (2016), Conceição Evaristo nos embala em uma leitura focada na construção de uma identidade afro-brasileira abordando, de forma singular e direta, as inúmeras mazelas sociais no qual a população afro-brasileira está submetida, como a pobreza e a violência urbana que a acometem.

Evaristo traz à superfície, o realismo do cotidiano, o que diversas mulheres têm que enfrentar no seu dia a dia. As personagens de *Olhos D'Água* sofrem violências, tanto simbólicas, verbais como físicas. No penúltimo conto da antologia (Evaristo, 2016, p. 99) vem dizer: “A gente combinamos de não morrer”. A obra de Evaristo mostra o quão é importante trazer essas mulheres que a sociedade marginaliza, como personagens principais e complexas, mulheres repletas de significados para o nosso cotidiano. Representação de resistência. Protagonistas na vida e na ficção.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As relações de poder são um elemento central na estrutura social de qualquer sociedade, pois determinam quem detém o controle e a influência sobre os demais indivíduos. Essas relações de poder manifestam-se de diferentes formas e em diferentes contextos, podendo resultar em manifestações de violência e opressão, que colocam determinados grupos em posição de privilégio e de dominação sobre outros. Isso acaba por criar um sistema de desigualdades e de injustiças que, muitas vezes, culminam em atos de violência e opressão.

A violência pode ser definida como a utilização da força física, psicológica ou emocional para impor a vontade de um indivíduo sobre o outro, enquanto a opressão refere-se à subjugação de um grupo de pessoas por outro, geralmente com base em características como classe social, gênero, raça ou orientação sexual. Ambas as manifestações estão intrinsecamente ligadas às relações de poder, uma vez que são empregadas como meios de manter o *status quo* e a hierarquia social. Por exemplo, a opressão de gênero resulta na perpetuação da violência contra as mulheres, enquanto a opressão racial está associada à violência policial e às disparidades sociais.

A violência de gênero é um problema social que tem sido objeto de estudo e debate ao longo dos anos. Trata-se de um fenômeno que afeta principalmente as mulheres. A violência de gênero é uma manifestação da desigualdade entre homens e mulheres e está associada a normas culturais e sociais, é o caso do patriarcado, uma estrutura sociocultural que legitima e naturaliza a violência contra as mulheres, limitando as oportunidades das mulheres, restringindo seu acesso à educação, trabalho, saúde e outros direitos fundamentais. Essa desigualdade estrutural contribui para a vulnerabilidade das mulheres e aumenta o risco de sofrerem violência por parte dos homens.

Na coletânea de contos *Olhos D'água* (2014), Conceição Evaristo apresenta narrativas que evidenciam relações de poder através das diversas formas de opressão e violência vivenciadas por mulheres negras e marginalizadas na sociedade brasileira. A autora mostra como essas mulheres são subjugadas e silenciadas pelo machismo e pelo racismo estrutural presentes na sociedade. Também são abordadas questões como a exploração sexual, a solidão, o silenciamento e a invisibilidade social enfrentadas pelas mulheres, especialmente as negras.

No segundo conto da antologia Ana Davenga, a protagonista Ana é retratada como uma mulher negra deslumbrante que, certa vez, conhece Davenga em uma roda de samba. Apaixonados, eles passam a viver juntos em um pequeno barraco na favela. Davenga, sendo um criminoso, controla e silencia Ana. Em um ambiente marcado pela violência, Ana, aos 27

anos e grávida, é morta junto com Davenga durante uma ação policial, quando são metralhados em uma invasão ao barraco, sem chance de defesa.

Em “Duzu-Querença”, Evaristo apresenta a protagonista como uma mulher negra, idosa, pobre e marginalizada, que desde a infância é submetida a diferentes formas de violência física, psicológica e simbólica. Na cena inicial da narrativa, Duzu, uma velha mendiga, está na frente de uma igreja, espaço público, frequentado por pessoas boas e distintas, no entanto, a idosa é desprezada. Ainda criança, Duzu abandonada pelos pais, é estuprada e diante da sua infância interrompida torna-se prostituta, ou seja, ela tem a vida atravessada por diversas formas de violência.

“Maria”, outro conto presente na coletânea *Olhos D'água* (2014), traz visibilidade para as trabalhadoras domésticas. Maria é uma mulher moradora da favela que precisa se deslocar diariamente até a casa da patroa em um transporte público precário. Ela é mãe e se desdobra para cuidar dos filhos sozinha. Vítima de um sistema violento e opressor, Maria morre em um brutal linchamento quando voltava para casa depois de um dia cansativo de trabalho.

A escrita de Conceição Evaristo oferece uma rica galeria de personagens que se entrelaçam com a realidade de contextos sociais vulneráveis. Enfrentando personagens complexos e multifacetados, o leitor é levado a questionar suas próprias visões preconcebidas. O contato com essa literatura pode gerar uma vasta gama de impactos e reflexões, desde uma maior consciência sobre a realidade social dos grupos marginalizados até uma sensibilidade mais profunda para questões de justiça social e equidade. As histórias e personagens de Evaristo convidam a uma reflexão profunda sobre as desigualdades e injustiças da sociedade, promovendo empatia e uma compreensão mais abrangente da diversidade humana.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Suely Souza de. (org.) **Violência de gênero e políticas públicas**. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 2007.
- BÂ, Amadou Hampaté, **A. Tradição Viva**. In: **História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África**. 2.ed. rev. Brasília : UNESCO, 2010. Capítulo 8, p. 167. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0019/001902/190249por.pdf>.
- BERND, Zilá. **Introdução à literatura negra**. São Paulo: Brasiliense, 1988
- BOSI, Alfredo. **O Conto Brasileiro Contemporâneo**. 16. ed. São Paulo: Cultrix, 2015.
- BOURDIEU, Pierre. Violencia simbólica. **Revista Latina de Sociología**, v. 2, n. 1, p. 1-4, 2012.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. 13. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2019.
- CANDIDO, Antonio. **A literatura e a formação do homem**. Ciência e cultura. São Paulo, v. 24, n. 9, 1972.
- CARNEIRO, Suelaine. **Mulheres Negras e Violência Doméstica: decodificando os números**. São Paulo: Geledés Instituto da Mulher Negra, 2017. *E-book*.
- CHAUÍ, Marilena. **Sobre a violência**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.
- DALCASTAGNÈ, Regina. “**A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004**”. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, n. 26. Brasília, jul.-dez.
- DALCASTAGNÈ, Regina – “**Entre silêncios e estereótipos: relações raciais na literatura brasileira contemporânea**” Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, nº. 31. Brasília, janeiro-junho de 2008.
- DE ARAÚJO MADEIRA, M. Z.; DA COSTA, R. G. **Desigualdades de gênero, poder e violência: uma análise da violência contra a mulher**. O Público e o Privado, Fortaleza, v. 10, n. 19 jan.jun, p. 79–99, 2020. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/opublicoeoprivado/article/view/2633>. Acesso em: 23 abr. 2024.
- DUARTE, Constância Lima. **Feminismo e literatura no Brasil** . Estudos Avançados, São Paulo, Brasil, v. 17, n. 49, p. 151–172, 2003. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9950>>. Acesso em: 16 maio. 2024.
- DUARTE, Constância Lima. **Gênero e violência na literatura afro-brasileira**. In: ALEXANDRE, Marcos Antônio; DUARTE, Constância Lima; DUARTE, Eduardo de Assis (orgs.). Falas do outro - literatura, gênero, etnicidade. Belo Horizonte: Nandyala; NEIA, 2010.
- LIMA DUARTE, C.. ENTREVISTA COM A ESCRITORA CONCEIÇÃO EVARISTO: Uma obra comprometida com a negritude. Revista Cronos, [S. l.], v. 23, n. 1, p. 74–81, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/cronos/article/view/34438>. Acesso em: 9 jun. 2024.,

DUARTE, Eduardo de Assis. Depoimentos - Conceição Evaristo. In: FONSECA, Maria Nazareth Soares (Orgs.). **Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica**. 1. reimpr. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014b, p. 103-116. (História, teoria, polêmica, v. 4).

EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio**. 3. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. 3. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. 1. ed. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016.

EVARISTO, Conceição. **Histórias de leves enganos e parecenças**. Rio de Janeiro: Malê, 2016.

EVARISTO, Conceição. **Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face**. In: MOREIRA, Nadilza; SCHNEIDER, Liane (Orgs.). *Mulheres no mundo: etnia, marginalidade, diáspora*. João Pessoa: Ideia: Editora Universitária - UFPB, 2005, p. 201-212.

EVARISTO, Conceição. Depoimento no I Colóquio de Escritoras Mineiras, Belo Horizonte, maio de 2009.

FERREIRA, L. P. Q. P.; ARAÚJO, L. C. de .; RODRIGUES, M. L. S. .; CÂMARA, Y. A. **A escrevivência de Conceição Evaristo como estratégia político-discursiva de resistência: Uma leitura da tessitura poético-corporal-negra em “Olhos d’água”**. *Letras de Hoje*, [S. l.], v. 56, n. 2, p. 251–261, 2021. DOI: 10.15448/1984-7726.2021.2.40482. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/fale/article/view/40482>. Acesso em: 9 jun. 2024.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **17º Anuário Brasileiro de Segurança Pública**. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2023. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2023/07/anuario-2023.pdf>. Acesso em: 16 abr. 2024

FRANÇA, Fábio Gomes de et al. **Sob a aparência da ordem: Sociabilidade e relações de poder na implantação da polícia solidária em João Pessoa-PB**. 2014.

INSTITUTO MARIA DA PENHA. **A lei: tipos de violência**. 2018. Disponível em: <https://www.institutomariadapenha.org.br/lei-11340/tipos-de-violencia.html>. Acesso em: 16 abr. 2024.

INSTITUTO MARIA DA PENHA. **Cartilha de enfrentamento à violência doméstica e familiar contra a mulher. Projeto Contexto: Educação, Gênero, Emancipação**. Plataforma Educação Marco Zero. Fortaleza, 2018.

INSTITUTO MARIA DA PENHA. **Violência doméstica**. 2018. Disponível em: <https://www.institutomariadapenha.org.br/violencia-domestica/o-que-e-violenciadomestica.html>. Acesso em: 16 abr. 2024.

JESUS, Damásio de. **Violência contra mulher: aspectos da Lei nº. 11.340/2006**. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2015.

LOBO, Luiza. **Crítica sem juízo**. 2 ed. revista. Rio de Janeiro: Garamond, 2007, p. 315.

MARAFIGA, Caroline Velasquez; FALCKE, Denise. **Perfil sociodemográfico, judicial e experiências na família de origem de homens que cumprem pena por estupro de vulnerável**. *Aletheia*, 2020, 53.2.

MBEMBE, Achilli. **Crítica da Razão negra**. Sebastião Nascimento (trad.). São Paulo: N-1 Edições, 2018

MENEGHEL, S. N.; PORTELLA, A. P. **Feminicídios: conceitos, tipos, cenários**. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 9, p. 3077-3086, set. 2017. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v22n9/1413-8123-csc-22-09-3077.pdf>>. Acesso em: 15 Fev. 2024.

LEANDRO MONDARDO, M. LEFEBVRE, HENRI. **ESPAÇO E POLÍTICA**. BELO HORIZONTE: ED. DA UFMG, 2008, 192 P. *Boletim Goiano de Geografia*, Goiânia, v. 30, n. 1, p. 193–198, 2010. DOI: 10.5216/bgg.v30i1.11204. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/bgg/article/view/11204>. Acesso em: 2 jun. 2024.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. **Violência contra as mulheres**. OPAS, [s. l.], [21--?]. Disponível em: <<https://www.paho.org/pt/topics/violence-against-women>>. Acesso em: 21 mar. de 2024.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. (tradução Angela M. S. Côrrea). 2. ed., 4. reimpressão. São Paulo: Contexto, 2019.

PINTO-BAILEY, Cristina Ferreira. **Escrivência, testemunho e direitos humanos em Olhos d'água de Conceição Evaristo**. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, v. 23, n. 43, p. 8-19, mai.- ago., 2021.

RAMOS, Alberto Guerreiro. **A patologia social do “branco” brasileiro**. In: *Introdução crítica à sociologia brasileira*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1995. p. 215.

REZENDE, Beatriz. **Contemporâneos: Expressões da Literatura Brasileira no Século XXI**. 1. ed. Casa da Palavra, 2008.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ROSENFELD, Anatol. *Literatura e personagem*. In: CANDIDO, Antonio, *et. al.* **A Personagem de Ficção**. 12. ed.. São Paulo: Perspectiva, 2011.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero patriarcado violência**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, Fundação Perseu Abramo, 2015.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovane; ALMEIDA, Suely Souza de. **Violência de gênero: poder e impotência**. Rio de Janeiro: Livraria e Editora Revinter Ltda, 1995.

SCHOLLAMMER, Karl Erik. **Ficção Contemporânea Brasileira**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

SCHWANTES, Cíntia. **Dilemas da representação feminina**. In : OPSIS - Revista do NIESC, Vol. 6, 2006, p.7-19.

SANTOS, Livia Maria Natália de Sousa. **Poéticas da Diferença: A representação de si na lírica afro-feminina**. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/literafro/artigos/artigos-teorico-conceituais/154-liviamaria-natalia-de-souza-santos-poeticas-da-diferenca>>. Acesso em: 22 set. de 2023.

STEVENS, Cristina; VASCONCELOS, Vânia V. (2013). **Mães de outras cores: matrifocalidade na literatura afro-brasileira de autoria feminina**. Revista Cerrados, 20(32). <https://periodicos.unb.br/index.php/cerrados/article/view/25968>

TELES, Maria Amélia de Almeida; MELO, Mônica de. **O que é violência contra a mulher?** São Paulo: Brasiliense, 2012.

TUAN, Yi-Fu. Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência. Tradução Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2013.

WOOLF, Virginia. **Profissões para mulheres e outros artigos feministas**. Trad. de Denise Bottmann. Porto Alegre, RS: L&PM, 2013.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. Trad. Bia Nunes de Sousa. 1. ed. São Paulo: Tordesilhas, 2014.

ZOLIN, Lúcia Osana. **A literatura de autoria feminina brasileira no contexto da pós-modernidade**. In: Ipotesi, Juiz de Fora, v. 13, n. 2, p. 105 - 116, jul./dez. 2009. Disponível em: <<https://periodicos.ufjf.br/index.php/ipotesi/article/view/19188>>. Acesso em: 24 de out. 2024.

ZOLIN, Lúcia Osana. Literatura de autoria feminina. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (org.) **Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. 2. ed. Maringá: Eduern, 2009a, p. 327-336.

ZOLIN, Lúcia Osana. Crítica Feminista. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana. **Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. 2. ed. Maringá: Eduern, 2009, p. 217-242.

ZOLIN, Lúcia Osana. **A construção da personagem feminina na literatura brasileira contemporânea (re)escrita por mulheres**. Revista Diadorim / Revista de Estudos Linguísticos e Literários do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Volume 9, Julho de 2011.

ZUMTHOR, Paul. **Introdução à poesia oral**. São Paulo: Hucitec, 1997.